



Fernanda Oliveira  
Fotógrafa

# Pedra, concreto, arame farpado: o preço que se paga pelo passeio ao jardim desconhecido

Conseguir informações profissionais básicas sobre Fernanda Oliveira não é muito difícil, afinal, ser fotógrafa famosa tem sua visibilidade, e uma simples busca na internet resolve. Contudo, para saber desvendar os mistérios que guarda em seu universo embalado a vácuo, é preciso ter no currículo, no mínimo, três anos de prática em jogo de cintura. Assim, só depois de escalar o muro de vinte metros de proteção, ela permite que você conheça o jardim escondido dentro de si.

A estufa é o lugar que mais chama atenção. É um espaço dela e só dela, onde ninguém mais pode entrar. O processo de construção do esconderijo se deu por seu amadurecimento. Não era dessa forma quando mais jovem. Nesse refúgio, cultivava seus hábitos sobre os quais nem os amigos mais próximos têm conhecimento. Reservada sim, mas nem por isso solitária, muito menos fria. A luz do sol entra, aquece e brilha.

Do outro lado da estufa, encontra-se uma pracinha com chafariz e alguns poucos banquinhos. Não são necessários muitos, pois esse espaço é aberto ao núcleo familiar e aos amigos. É nesse cantinho onde vive a maior contradição. Apesar de se aventurar no mar em seu veleiro, não se arrisca no mundo dos relacionamentos. Precisa saber exatamente onde está pisando. Contudo, os poucos que passam pelo filtro se tornam importantes, porque as visitas à praça são tão intensas quanto seu sentimento. Fernanda gosta do olho no olho, de sentir o toque, de viver o momento.

Ao redor da praça, roseiras vermelhas em areia de praia embelezam o cenário. Não deveria nascer rosas em areia de praia! Não se imaginava que, em um ambiente dominado por engenheiros, cresceriam uma artista envolvida com fotografia, música, escultura e poesia. A delicadeza das pétalas de sua expressão amistosa com sorrisos se intercalam

com o visual sério de sobancelhas franzidas. Os espinhos, por sua vez, declaram a independência de se proteger sozinha sem soar arrogantemente autossuficiente.

No fundo, um complexo labirinto feito de altos arbustos pelo qual ela é capaz de te guiar de olhos fechados. Seu autoconhecimento reflete em saber de onde veio, para onde vai e porque vai para lá.

Fernanda é capaz de perceber quando aquele caminho já não mais a satisfaz e quando é melhor voltar. Tudo no tempo dela. Por isso, abraça a sua personalidade como ninguém, admitindo suas falhas e reconhecendo seus acertos.

Por esses espaços, circulam livremente seus animais. Para eles, não existem barreiras. Jamais poderia faltar seu pastor australiano Patinir e o garanhão Castanhão, já que o amor por cachorros e cavalos é um forte traço desde criança. Eles aparecem nas histórias dos mais diversos assuntos, de como ela consegue entender as pessoas a partir da sua amizade com eles, de como ela é persistente e não desistiu de aprender a montar, do seu sentimento de realização de ser quem sonhava ser.

Talvez sua beleza só esteja intacta por causa da barreira construída, visto que impede a aproximação de quem só quer bagunçar o jardim e não preservá-lo. Não existem atalhos nem portão.

É preciso encontrar pequenas brechas entre as rochas para chegar ao topo, transformando cada centímetro conquistado em sabor de vitória. Com isso, o que tem de intrigante no desafio de encarar o muro tem de envolvente na subida.

Mesmo que as partes do jardim sejam bem demarcadas, elas se completam em um encaixe perfeito. Após saber o que há do outro lado, poucos seriam os loucos a se contentar com a base da muralha. A questão é: está disposto a escalar?

**Equipe de Produção:**  
Andressa Gonçalves  
Heloisa Vasconcelos

**Entrevistadores:**  
Alexandre Valério  
Andressa Gonçalves  
Heloisa Vasconcelos  
Beatriz Carvalho  
Dellano Borges  
Fabrício Girão  
Ícaro Machado  
Ítalo Cosme  
Larissa Medeiros  
Lorena Fonseca  
Sâmia Martins  
Suzana Mesquita

**Texto de abertura:**  
Lorena Fonseca

**Fotografia:**  
Gabriel Marques



## Entrevista com Fernanda Oliveira em 30 de outubro de 2017

**Heloisa** – Então... A gente, na pré-entrevista, foi muito em um foco mais profissional, de certa forma. Agora a gente tá querendo entrar mais na sua vida pessoal mesmo, assim, de forma mais profunda. E a gente queria começar falando da sua infância. O Rafael (Rafael Rodrigues, professor do curso de Jornalismo da UFC e um dos melhores amigos de Fernanda) falou que (a infância) é uma parte muito significativa da sua vida, e a gente queria saber por quê.

**Fernanda** – Vamos lá, né. Eu não sei exatamente para onde a gente vai na questão da vida pessoal, porque eu sou uma pessoa muito reservada. Então, assim, as entrevistas que eu dei sempre falam sobre a minha vida profissional, sobre a minha carreira. O que eu falo da minha vida pessoal é o que tem a ver com os gatilhos para as ideias dos projetos (profissionais), porque (é) a experiência de vida que faz com que você seja o que você é profissionalmente. Mas assim... Sobre a infância, tu teria que me perguntar uma coisa específica. Até hoje eu acho que eu carrego um pouco dessa criança “up” dentro de mim, isso é parte da minha personalidade. Na maior parte das vezes, eu sou uma pessoa bem extrovertida, outras vezes introvertida, dependendo do momento. Mas eu acho que essa criança permanece viva, assim. Mas eu não sei exatamente o que te dizer sobre a minha infância, entende? O que eu posso te dizer é... (pausa). Acho que a gente até conversou (anteriormente, na pré-entrevista) um pouco sobre os projetos, né, que era As Cores Violetas, que eu fui na infância, eu fui nos álbuns de família para conseguir fazer esse resgate de memória, de identidade... Se tu me fizesse uma pergunta mais específica, eu poderia te falar um pouco mais sobre, entende?

**Ítalo** – Mas qual é a lembrança mais antiga que tu tem da tua infância?

**Fernanda** – A lembrança mais antiga? Eita... É uma boa pergunta (risos). As lembranças mais fortes da minha infância que eu tenho é da casa de praia do Morro Branco (praia da cidade de Beberibe, no litoral leste do Ceará, a 79 quilômetros de Fortaleza), que a família da minha mãe (a engenheira civil Regina Lúcia Cunha Oliveira) tinha, a tia Célia... Então, é onde a gente passou boa parte das férias da infância, os finais de semana... E o prédio dos meus pais que, antes

de eu comprar minha casa, foi o lugar que eu morei a vida toda. São dois locais que eu tenho lembranças mais antigas e que eu tenho ótimas lembranças, são esses dois lugares, assim... O Morro Branco porque a gente ia em família, iam muitos primos, eram cinco tios e cada um desses tios tinham dois casais de sobrinhos. E a gente sempre ia uma turma grande para lá, e a gente ficava solto. Eu gostava muito por causa disso, porque a gente passava o dia no mundo. A casa ficava a um quarteirão da praia e do lado das dunas, então a gente passava a manhã na praia tomando banho, a tarde nas dunas, e depois ia pegar areia colorida nos labirintos (formados pelas falésias) para a gente mesmo fazer as garrafinhas... Era todo dia isso. Essas são as lembranças que eu tenho, assim, mais vivas, mais antigas.

**Dellano** – Os teus pais te deixavam muito livre, você e seu irmão, para brincar?

**Fernanda** – Bastante, bastante.

**Ícaro** – E como era ser a irmã mais nova (Fernanda tem apenas um irmão mais velho, o engenheiro Eugênio Oliveira)?

**Fernanda** – Como que era ser a irmã mais nova? Olha, foi bom, até hoje (risos), porque eu continuo sendo. Ser a caçula tem suas regalias, eu acho que...

**Ícaro** – Porque você falou de liberdade, e você era muito nova, em relação ao seu irmão. Então como era isso? Ele te olhava, ele te acompanhava ou vocês eram realmente muito livres e muito separados na infância? Vocês brincavam juntos?

**Fernanda** – Nessa época, a gente brincava juntos, sim, como eu tô te dizendo, porque eram os primos, era a família, né. Então sim, íamos os dois juntos com a família, com essa extensão maior da família, e brincávamos. Assim, eu gosto de ter sido a caçula, sabe? Acho que foi bom (sorriso).

**Heloisa** – Você viveu sua infância, salvo as viagens, em Fortaleza, né? Como é que é viver a infância na cidade, sendo uma pessoa que gosta de estar no campo, de se aventurar...?

**Fernanda** – Assim, eu não vejo da forma como você me perguntou. Eu não tenho essa sensação. Porque, apesar de ter crescido em Fortaleza, de ser da cidade, eu viajava muito com meu pai, porque o meu pai viajava bastante a trabalho e ele ia bastante para inte-

Um dos alunos da sala, Ícaro Machado, foi aluno de Fernanda na Faculdade Estácio de Sá. Foi ele que sugeriu o nome da fotógrafa como uma das entrevistadas para esta edição da Revista Entrevista.

Fernanda foi o sexto nome mais votado pela turma. Entrou na Revista após Ronaldo Salgado, o nome mais votado, recusar o convite, o que já era esperado. A equipe de produção entrou em contato com Fernanda logo depois.

A pré-entrevista com Fernanda foi no Museu da Fotografia, local onde ela trabalha. Segundo ela, a entrevista aconteceu lá simplesmente pela falta de tempo e pela correria do dia a dia.

rior. E as lembranças que eu tenho de infância são muito fortes no interior do estado, entendeu? Tanto sertão, quanto praia, quanto serra... Eu sempre fui uma pessoa que desde criança viajou bastante, até hoje eu viajo muito. Tenho viajado menos depois do trabalho no Museu (Museu da Fotografia de Fortaleza, coordenado por Fernanda), mas eu viajo, sim. E desde criança meu sonho sempre foi trabalhar viajando, fotografando... E acabou acontecendo.

**Ítalo** – Como foi tua infância no período da escola?

**Fernanda** – Eu nunca tive muito tesão pelas coisas que eu estudava na escola. Eu nunca gostei de estudar. Nunca. Minha vida toda eu nunca gostei de estudar e eu não escondo isso. Eu vim desenvolver gosto, prazer, em estudar, quando eu descobri as coisas que me interessavam. E eu não descobri isso no colégio, porque o colégio que

eu estudei tinha muito pouco das coisas que eu gostava. Ele não me ofereceu o que na verdade eu só vim conhecer no período da faculdade de Comunicação, com 18 anos de idade (Fernanda cursou Publicidade e Propaganda na Universidade de Fortaleza, a Unifor, de 2001 a 2005). Porque o que o meu colégio (Christus, instituição de ensino de base católica, fundada em 1951 em Fortaleza) tinha era... Eu não sei se é o que os colégios ainda têm hoje, mas o que o meu colégio tinha era Matemática, Física, Português, Geografia, História... E eram coisas que eu achava chatas. Eu aprendia porque eu era obrigada a aprender, passava porque, de certa forma, eu acho que eu tinha que passar, a meta era sempre ir para o ano seguinte. Então eu realmente nunca tive prazer em estudar, eu só vim ter prazer em estudar bem mais tarde, quando eu tinha 18 anos, quando eu conheci a Comu-



A pré-entrevista começou uma hora depois do combinado por causa de atrasos da equipe de produção. Andressa e Heloisa pediram desculpas, mas Fernanda pareceu nem se importar muito por estar ocupada com outras coisas no Museu.

nicação Social. E aí eu conheci fotografia, acabei fazendo também um curso na Casa Amarela (Eusélio Oliveira, equipamento cultural da Universidade com ênfase em fotografia e cinema), da UFC, e eu comecei a ter muita curiosidade. E a curiosidade só era saciada nos livros, então eu comecei a ler bastante sobre imagem. Para não mentir para você, ainda com 14 anos eu fiz um curso de escultura ali, nas proximidades do (Centro Cultural) Dragão do Mar (equipamento do Governo do Estado do Ceará), que foi uma coisa que me encantou bastante. E aí, assim, as minhas leituras, elas sempre foram voltadas para as coisas que eu gosto. Eu até hoje tenho isso: eu não consigo fazer algo que eu não gosto. Nisso eu sou muito honesta. Isso serve para trabalho, para relação interpessoal, isso serve para estudo, isso serve para qualquer coisa. Então, assim, eu comecei a estudar muito nessa época. Aí eu comecei a estudar bastante imagem, bastante arte, a comprar livros, inclusive eu tenho uma biblioteca no meu apartamento com muitos livros. Foi uma das coisas que eu fui descobrindo tardiamente. Aí eu fui ler sobre Antropologia Visual, sobre Sociologia, aí eu fui ler sobre fotografia... Enfim, aí, mais tarde, eu fui fazer (curso de) Psicologia (na Unifor)... Então, as coisas que eu gosto de estudar são nessas áreas. É imagem, é fotografia, é psicologia. Li bastante também sobre cavalos na época que eu voltei a montar, quando conheci o Castanhão (seu cavalo “adotado” na Cavalaria da Polícia Militar, a que ela monta há dez anos). Mais tarde eu fui fazer o curso de equoterapia, que foi quando eu fui para Brasília e aí eu comecei a estudar bastante sobre cavalos também. Se você prestar atenção, o que eu gosto de estudar são as minhas paixões, são as coisas que me interessam. Então na escola sempre foi um local deslocado para mim. Nesse sentido, assim, entendeu? Para mim a escola era uma obrigação. A parte mais divertida da escola eram os amigos, era o esporte, nisso o colégio foi muito feliz, porque a cultura do colégio onde eu estudei tinha muito essa coisa da educação física e dos esportes. Nessa época eu jogava muito vôlei, fui atleta de vôlei, fui atleta de basquete. Até hoje eu sou apaixonada por esportes, pratico esportes todo dia.

**Lorena** – Estudando em uma escola religiosa e tendo também uma família muito religiosa, como que a religião influenciou no seu desenvolvimento?

**Fernanda** – Olha, engraçado isso... Eu vinha pensando sobre isso agora, quando eu tava dirigindo e eu tava ali, com o Castanhão,

conversando com ele. E toda vida que eu tô com o Castanhão ou com o meu cachorro (o Patinir, um pastor australiano), quando eu tô praticando esportes, quando eu tô no mar velejando, lá longe, assim, dentro do mar, ou nadando de manhã, eu sempre faço essas coisas orando, é um hábito meu. Eu vinha pensando isso no carro, (questões relacionadas a) essa pergunta que você me fez. Eu não me considero uma pessoa muito religiosa. Religiosa. Eu me considero uma pessoa que busca continuamente uma relação íntima com Deus. Eu acho que todo dia eu oro, todo dia eu converso com Deus. Eu sou católica, então eu vou à missa toda semana, às vezes mais, duas ou três vezes por semana. Eu rezo o terço todo dia e amo, adoro. Na verdade, eu nunca expus isso em canto nenhum, tô falando aqui porque vocês estão me perguntando essas coisas, mas isso é muito meu, é muito íntimo. Talvez possa ter até amigos meus que não saibam que eu faço isso todo dia, porque realmente é um lugar muito meu, é um hábito muito meu. É muito pessoal mesmo. E eu comecei a rezar o terço em uma atitude muito espontânea. Você disse: “Ah, estudando em um colégio muito religioso, tendo uma família muito religiosa”... Mas não foi minha família que me ensinou a rezar o terço, não foi o colégio, não foi com eles que eu aprendi, ninguém nunca sentou e me ensinou, me forçou a alguma coisa. Isso foi uma atitude minha no Reveillon, em primeiro de janeiro de 2014. Eu cheguei do Reveillon em Fortaleza, peguei o carro e fui para o Porto das Dunas (praia a 20 quilômetros de Fortaleza, situada na cidade de Aquiraz e conhecida nacionalmente por abrigar o Beach Park, o maior parque aquático da América Latina), que é uma praia que eu gosto muito de ir, eu vou sempre, sempre mesmo. E aí eu fui para lá sozinha, fiquei assim, olhando o mar, e tinha um terço no carro. Sabe... Não sei se isso acontece com vocês, mas eu sempre tive um terço de proteção no carro e nunca peguei nele. Não tem, né, o pessoal não coloca para proteger? Era só isso que o terço era para mim, um lugar (objeto) que ficava ali no carro (risos). E aí nesse dia eu olhei para ele e me deu vontade de rezar. Eu não sabia exatamente como é que era, eu sabia o básico. Aí eu comecei. Eu comecei nesse dia e naquele momento eu tive uma experiência maravilhosa. Eu me considero uma pessoa que tem esses hábitos e que conversa muito com Deus. E eu acho que a relação com Deus não é uma questão de religião, ela é uma questão de experiência. Então, nesse dia, isso aconteceu e de lá para cá eu faço isso todo dia, e todo dia eu tenho a mesma sensação. E a

Fernanda nasceu no dia 5/12/1981, em Fortaleza. É filha de Fernando Hugo Soares de Oliveira e Regina Lúcia Cunha Oliveira, ambos engenheiros civis.

Durante a pré-entrevista, Fernanda foi muito simpática, mas se mostrou um pouco fechada quanto à sua vida pessoal, focando mais no profissional. Isso preocupou bastante a equipe de produção.

Fernanda exerce um cargo de chefia no Museu da Fotografia, então, durante a pré-entrevista houve várias interrupções de pessoas para demandas diferentes.

---

“A minha única razão de orar o terço é porque em cada uma das bolinhas do terço eu vou orando pelas pessoas (...) Todo dia o motivo de eu rezar o terço é os outros”

---



minha única razão de orar o terço é porque em cada uma das bolinhas do terço eu vou orando pelas pessoas. Então, por exemplo, acontece alguma coisa no meu dia, pode ser alguma coisa muito simples, sei lá, tô aqui no Museu e uma funcionária chega para mim e diz: “Olha, eu tenho transtorno de pânico, eu tô com isso, com isso...”. E aí aquilo fica na minha cabeça, então no final do dia eu vou lá e oro por aquela pessoa. Se eu tiver dando aula e acontecer de um aluno — porque os alunos às vezes tratam a gente como psicólogo (risos), eles confidenciam a vida deles, eles têm essa facilidade — e aí acontecer de um aluno chegar a confidenciar alguma coisa... Então, assim, todo dia o motivo de eu rezar o terço é os outros (pelas outras pessoas, não por ela mesma). E sempre me traz sensações maravilhosas. Sempre tem pessoas, inclusive desconhecidos. E aí teve uma época que ficou pouco, aquelas bolinhas ficaram poucas, aí eu comecei a rezar o rosário. Teve uma época que já ficou apertado... E aí hoje eu rezo dois ou três terços por dia, só porque eu vou me lembrando das pessoas e eu quero me conectar com elas de alguma forma, pedir a Deus... Não sei te dizer. Mas esse é o meu motivo, entendeu? Então eu não me considero necessariamente uma pessoa religiosa.

**Lorena** – O que seria então ser uma pessoa religiosa? Se você compartilha os

mesmos costumes de uma pessoa religiosa, de rezar o terço, de ir à missa...

**Fernanda** – É só que eu acho que as pessoas às vezes... Eu não sei se eu estou sendo clara, mas, tipo assim... A pessoa que reza o terço, ela sabe todos os tipos de terço, todos os mistérios, os mistérios dolorosos, não sei o quê, pá pá pá... Eu não faço a mínima ideia (são quatro os mistérios do rosário, relacionados a períodos vividos por Jesus e Maria: gozosos, dolorosos, gloriosos e luminosos). Tem todo um ritual na missa. As pessoas vão à missa, aí tem a hora de sentar, a hora de ficar em pé, a hora de sentar, a hora de ficar em pé... Não tem? Eu assisto à missa toda sentada, de olhos fechados, eu não obedeco em nada. Porque, na verdade, é o que eu tô te dizendo: eu me volto para a questão da experiência. Então assim, eu faço tudo muito de acordo com aquilo que eu sinto, eu não sigo exatamente esses preceitos religiosos. É por isso que eu tô te dizendo que eu não sou uma pessoa religiosa. Se você começar a me fazer perguntas a respeito da religião, eu não vou saber te responder. Mas eu vou saber te responder o que que eu sinto, por que que eu faço, o que pra mim faz sentido, e que ninguém tira de mim esse sentido. As coisas que eu conquisto na minha vida, sejam elas relacionadas a essa fé, ou relacionadas às pessoas, ou na profissão, são minhas. É parte da

Desde o começo, Fernanda se mostrou muito apaixonada pelo que faz. Nesse primeiro contato, quando ela falou de seus projetos profissionais e artísticos, expressava real orgulho de seus trabalhos.

minha personalidade, é parte da minha identidade. Por exemplo, eu tenho amigos que são ateus, eu tenho amigos que são espíritas, eu tenho amigos que fazem parte de candomblé, eu tenho um monte de amigos de diferentes formas. E às vezes acontece de as pessoas... Eu respeito muito as diferenças, entendeu, porque para mim é só isso, é uma questão de sentir.

**Andressa** – E essa tua relação com Deus, digamos assim, sempre se mostrou como em relação ao teu trabalho?

**Fernanda** – Eu sempre estive envolvida, de certa forma, com projetos sociais como um todo. Fora isso, eu acho que na forma como a gente trata as pessoas. Por exemplo, isso aqui que vocês estão fazendo é parte do meu trabalho. Vocês estão me entrevistando porque de alguma forma o meu trabalho chegou até vocês. E a forma como eu recebo vocês quando eu converso contigo, como eu te trato, pra mim, significa essa minha relação com Deus. Então eu acho que a forma como a gente está no mundo e como a gente lida com tudo o tempo todo e com as pessoas é extensão disso. E isso no meu trabalho vai estar na minha relação com funcionários, vai estar na relação com aluno, vai estar na relação com chefe, vai estar na minha relação com tudo, entendeu? É uma questão de filosofia de vida. E filosofia de vida que eu digo é isso, é respirar, é respirar a coisa, é viver a coisa mesmo.

**Suzana** – Essa sua relação que você tem assim com Deus, essa sua fé, ela vem desde sempre? Como era quando você morava com os seus pais? Como era a sua religiosidade?

**Fernanda** – Olha, assim... Minha religiosidade sempre... É o que eu tô dizendo, nunca foi muito forte, assim, eu nunca segui tantas coisas. Eu fiz o básico que tinha que fazer, acho que, por conta da minha família, da minha escola, né, tipo Primeira Comunhão, essas coisas básicas que todo mundo fazia no colégio. Mas aquilo na época nem tinha um significado tão grande. Já a minha fé, a minha relação com Deus, é desde criança. Eu me lembro, eu criança, assim, eu sempre

---

“Sertão para mim sempre parece uma coisa íntima. (...) Parece que vai para dentro de si”

---



Durante a pré-entrevista, Fernanda exibiu à equipe de produção livros que estavam no Museu da Fotografia que continham alguns de seus trabalhos.

Fernanda fez graduação em Publicidade pela Unifor em 2005. Em 2008, especializou-se em Teorias da Comunicação e da Imagem, pela UFC. O mestrado em Comunicação e Linguagens – linha Fotografia e Audiovisual, pela UFC, veio em 2012.

Fernanda cursou cinco semestres de Psicologia na Unifor, precisou trancar o curso para se dedicar ao trabalho, mas pretende retornar para terminar a graduação.

conversava, tinha coisas que eu pedia, tem uma coisa que eu peço até hoje também, todo dia. Eu me lembro, eu criancinha, assim, antes de dormir, e até hoje eu tenho essa conversa com Ele, eu digo a mesma coisa, eu digo assim: “Olha, o Senhor me leva no dia que o Senhor tiver certeza de que vou ficar perto de Ti. Se o Senhor não tiver certeza, então me deixa aqui, só me leva quando eu tiver evoluído, quando eu realmente já tiver aprendido o que eu vim fazer aqui, quando eu tiver aprendido a me relacionar com as pessoas, quando eu tiver evoluído, quando eu tiver, assim, uma pessoa um pouco melhor, talvez humana, aí sim, ok. Se não, me deixa por aqui mesmo”. Então é isso, assim. E eu me lembro disso criança, mesmo. Mas em relação a essas outras coisas, eu fazia só por fazer. Em relação às coisas da religião, eu não tinha muita consciência. É diferente você hoje com 35 anos, quase 36 agora, as escolhas, muitas escolhas partem de um processo de consciência. É diferente de uma decisão com seis anos de idade, com 11, com 15. Hoje eu me sinto um pouco mais madura, um pouco mais consciente das minhas escolhas, sabe? Eu sempre tento refletir um pouco antes de tomar qualquer decisão. Quando eu era mais nova, já era muito impulsiva, hoje já não sou tanto.

**Helôisa** – Voltando para a questão da infância, tem alguma lembrança preferida sua, alguma história de infância que você acha que gostaria de contar?

**Fernanda** – Passou, assim, uma espécie de brainstorm agora. Não necessariamente uma, mas várias. Eu me lembrei da piscina do Tio Pessoa, que eu adorava. Eu me lembrei da queda de cavalo que eu levei no sítio do Tio Sérgio, eu me lembrei do banho de mar com meu pai no Morro Branco. Meu pai me ensinou a nadar no mar, e talvez por isso eu nade até hoje no mar, todo dia eu nado cerca de 2 mil metros no mar. Foram as coisas que me desceram à mente na hora que você perguntou. Essas lembranças. Pode ter mais, né, se a gente for conversando (risos).

**Helôisa** – Quando você vai conhecer alguém, o que você gosta de falar sobre si? Quem é a Fernanda?

**Fernanda** – Olha... Hoje é diferente. Até um tempo atrás, quando eu conhecia alguém, eu era mais exposta, mais fácil, vamos dizer assim, eu era muito, muito dada. Nunca tive problema em chegar e dizer quem era a Fernanda. Eu ia falar um pouco do que eu tô falando aqui, que sou eu, né. Eu sou isso, eu sou fotografia, sou família, amigos, cavalo, cachorro, mar... Isso sou eu. Então eu vou

falar dessas coisas que eu me cerco delas, entendeu? O tempo todo, todo dia. Mas hoje em dia, mudou um pouco a minha forma de me relacionar com as pessoas, e eu venho me tornando uma pessoa extremamente seletiva. Antes eu era muito mais aberta, de fazer amizade muito fácil com qualquer pessoa que chegasse. Hoje eu já não me mostro tanto, antes eu era muito exposta, hoje eu sou bem mais reservada. Eu aprendi a desconfiar. E isso fez com que eu me tornasse uma pessoa mais seletiva. Antes bastava que as pessoas fossem legais e isso facilitava para que eu desse abertura para elas entrarem na minha vida ou eu desejar entrar na vida delas. Hoje eu sou seletiva em que sentido? O meu tempo é restrito. Eu trabalho, então eu tenho pouco tempo. E o pouco tempo que eu tenho livre eu gosto de estar com as pessoas que eu amo. E eu me dedico de uma forma muito inteira a essas relações. Antes, mais nova, talvez importasse mais ter muitos amigos ou muitas pessoas. Hoje me interessa mais ter pessoas de qualidade na minha vida. Eu tento estar perto de pessoas que têm um bom coração, de pessoas que eu acho que tenham empatia, de pessoas que eu considero que tenham valores humanos. Então, como o meu tempo é restrito, o tempo livre que eu tenho ou eu vou estar praticando esportes, ou eu vou estar com a minha família núcleo — quando eu chamo núcleo, é mãe, pai, irmão, sobrinhos e cunhada —, ou eu vou estar com meus amigos, que eu considero extensão da minha família. A minha forma de me relacionar mudou. Mesmo. Eu sou muito seletiva hoje em dia. Antes, por exemplo, eu me permitia ter amizades em locais de trabalho, hoje eu já separo as coisas.

**Larissa** – Fernanda, mas essa tua seletividade se deve a alguma experiência ruim que você teve com alguma relação? Ou é algo que se deve à tua idade mesmo?

**Fernanda** – Eu acho que isso se deve realmente a três fatores. Eu acho que o que você disse não vai excluir os outros. Se deve realmente ao tempo. Não é brincadeira, mas é o tempo. Eu não sei como é a vida de vocês, mas a minha é uma loucura, das seis da manhã até a meia-noite. Mesmo. A outra é realmente por algumas experiências, mas tanto as experiências negativas quanto as positivas. E também pela maturidade e pelos valores de vida. Eu vou me aproximar das pessoas com que eu me identifico. E eu observo isso nos outros também, os outros são espelho, né. Quando eu estou com outro, eu observo quem é esse outro e de quê ele fala, porque isso vai dizer muito sobre a pessoa. Eu vou dar um

Como fotógrafa, Fernanda já recebeu oito prêmios, teve a oportunidade de publicar cinco livros e de expor ensaios. Com o projeto Sereias: Mulheres do Mar, ganhou um prêmio latino-americano de fotografia na Colômbia, em 2013.

exemplo muito besta, não sei nem se eu deveria, mas, sei lá... Eu não gosto muito de gente que fica falando mal dos outros, ou fazendo piada, sendo irônico com a vida alheia. Isso, para mim, fala muito da índole da pessoa. Então, se eu não gosto de fazer isso, conseqüentemente eu não vou andar com pessoas que façam isso. Eu vou escolher andar com pessoas que não façam isso, pela lógica. Entendeu? É mais ou menos esse o exemplo que eu poderia te dar.

**Ícaro** – Isso reflete também nas suas redes sociais? Porque você não se expõe tanto nas redes sociais. Tem algum problema com rede social?

**Fernanda** – O meu problema com rede social é que eu não sei usá-las. Eu sou péssima com rede social. Na época que não existia WhatsApp, o Messenger, eu não sabia como conversar no Messenger. Eu sei conversar aqui, pessoalmente. Eu sei que eu tenho um bom discurso, sei que eu tenho uma boa conversa, que eu consigo conversar tranquilamente. Mas na troca pelas redes sociais não, é péssimo. Eu vim aprender a conversar no WhatsApp recentemente. E eu sou muito prática. Então, assim, as redes sociais para mim não funcionam muito, para relação, entendeu? Nisso, eu sou da geração... Da minha geração mesmo! Ia dizer da geração antiga, mas é da minha geração, eu sou da minha geração. Eu gosto do encontro pessoal, eu gosto de LP, eu gosto de gravador, até hoje eu tenho um walkman. Não é louco isso? Por exemplo, eu não fico muito tempo no telefone com amiga íntima, eu não passo uma hora no telefone com amiga. Com amiga! Não passo. Meus amigos eu ligo e digo: “Ei, tô passando aí, vou te pegar”. Já que é para passar uma hora com essa amiga, eu quero passar uma hora com ela. Eu gosto da pele, eu gosto do cheiro, eu gosto do abraço... Eu gosto dessas coisas.

**Heloisa** – Quando você era criança, você conta dessas viagens que você fez para Morro Branco e Russas (cidade do Vale do Jaguaribe, a 165 quilômetros de Fortaleza). Como criança, o que que essas viagens significavam para você?

**Fernanda** – Momento de diversão. Isso. Eu acho que eu não citei Russas para você, outra pessoa pode ter citado (a equipe de produção da entrevista conversou preliminarmente com familiares, a exemplo da mãe e do irmão da Fernanda). Porque eu aqui, no meu discurso, em nenhum momento falei em Russas. Mas sim, Russas foi um lugar de excelentes memórias, já que você citou. Em Russas era o sítio da família da Tia Suelda e do Tio Airton. E as memórias eram maravilhosas. Eles tinham uma caminhonete, na

época eu não sei se era... Tipo essas D-20, F-10, lembra, essas caminhonetes antigas? Eles tinham, né. E aí você ia para a cidade e o sítio ficava no interior, entendeu? E aí ia todo mundo atrás na caminhonete, tomávamos banho de rio...

(Entrevistada é interrompida pelo barulho de tiros do treinamento da Polícia Militar, na Cavalaria)

**Fernanda** – (com naturalidade) É o treinamento deles aqui. (pausa com risos de toda a equipe). Então, assim, isso para mim era mágico. Para criança... Vocês foram criança, né. Então vocês sabem que para criança basta um quadrado que ela já transforma em um castelo. Se você pegar uma criança e der para ela um lençol, uma cama, ela transforma aquilo em um castelo, ela pendura o lençol na ponta da cama, bota uma escada, sobe, pula, finge que é piscina... E aí é quando cresce, né? E aí é quando ela vai comungar com as coisas, entende? E eu faço isso facilmente até hoje. Até hoje, adulta, eu faço isso facilmente. Eu chego aqui, abraço o Castanhão, pego no pelo dele, sinto o cheiro e vou-me embora. Então para mim esses ambientes como Russas, tomar banho de rio, plantar — Tia Suelda dava uns grãosinhos de milho, grãozinho de feijão, não sei o que, para a gente plantar —, isso tudo é mágico. Para criança é mágico.

**Heloisa** – E como que essas viagens influenciaram na arte que você faz hoje?

**Fernanda** – Muito. Influenciaram muito. Na verdade, eu acho que elas são responsáveis pelos projetos. Essas memórias, essas experiências, mesmo. O primeiro projeto, que a gente conversou, né, foi o Mulheres Líderes no Sertão do Ceará. Lá vai eu, voltando para o sertão. Sertão para mim sempre parece uma coisa íntima. Engraçado, né? Mas isso é uma opinião minha, viu, tem nada a ver com nada, assim. Eu acho que sertão parece uma coisa íntima, né, in. Sertão. Parece que vai para dentro de si. E o Mulheres Líderes era isso, essa mulher em situação de liderança no sertão do Ceará. Mais um pouco depois, o Morro de Santa Terezinha (morro no bairro Vicente Pinzón, com vista privilegiada para o mar e para a cidade, por alojar o Mirante, o ponto mais alto da capital cearense). E, se você vir, cada um dos livros foi dedicado a cada uma das pessoas da minha família. Mulheres Líderes eu dediquei ao meu irmão, Morro de Santa Terezinha eu dediquei ao meu pai. O morro não é interior, mas é aqui em Fortaleza, é um lugar diferenciado da cidade, né, já que a gente não tem tantos morros em Fortaleza. Meu pai (o engenheiro civil Fernando Hugo Soares de Oliveira) na

Fernanda, no dia da pré-entrevista, indicou quatro pessoas próximas para que fossem entrevistadas. Foram sua mãe, Regina Oliveira; seu irmão; Eugênio Oliveira; seu ex-chefe Eduardo Queiroz; e o orientador de sua dissertação de mestrado, Silas de Paula.

A equipe de produção entrevistou apenas os três primeiros nomes porque não conseguiu entrar em contato com Silas de Paula por telefone. Posteriormente, em um contato por WhatsApp, Fernanda também indicou o contato com Rafael Rodrigues, professor do curso de Jornalismo da UFC e um de seus melhores amigos.

Quando Heloisa e Andressa entrevistaram Eduardo Queiroz, chefe de fotografia do Diário do Nordeste, ganharam também um passeio por toda a sede do jornal, desde a redação até o local de impressão.



---

“A gente não existe sem o outro. (...) É a partir do momento em que a gente se coloca no lugar do outro e deixa o outro enxergar um pouco da gente”

---

época acompanhou a construção das casas na Proap (Pró-reitoria de Assuntos Comunitários e Políticas) do Morro de Santa Terezinha. Então eu criança ficava lá, na adolescência eu ia para lá por causa dos bares e depois eu voltei para fotografar, passei sete anos caminhando toda tarde, fotografando. Mais na frente, veio o As Cores Violetas, que retrata essa família. E depois veio o Sereias, que eu dediquei só para a minha mãe. E o Sereias é essa coisa da relação das mulheres com o mar, com o litoral, que eu tenho uma relação muito forte com a praia, com o mar. Então esses projetos têm uma relação fortíssima com essa infância. Era no Morro Branco que a gente acordava cedo para ver os pescadores saírem. De fato, eles representam a minha identidade. A gente volta para aquela coisa do eu e do outro, né? A gente não existe sem o outro. Então por mais que eu esteja apresentando a realidade de cada um desses grupos, de certa forma eu também tô ali, parte de mim também está representada ali. Ao assumir a nossa identidade, mas reconhecer que esse um é parte de um coletivo, é que a gente consegue crescer como pessoa. É a partir do momento que a gente

se coloca no lugar do outro e deixa o outro enxergar um pouco da gente. Porque é aí que a gente vai aprender a conviver com essas diferenças, que me parece que, não sei, mas me parece que hoje a maior dificuldade é essa das pessoas.

**Fabrizio** – Fernanda, pelo que você fala, dá para perceber que você tem uma relação muito especial com a sua família. Como é o seu dia a dia com eles? Quantas vezes vocês se encontram, como são esses encontros?...

**Fernanda** – Quase todo dia. O meu irmão, semanalmente. Meu irmão não é quase todo dia porque ele trabalha na Petrobras de oito da manhã, entra lá até mais cedo às vezes, e já sai no final de tarde. E ele tem filhos pequenos, que tem essa coisa de colégio, então não é todo dia, mas é toda semana. E os meus pais é quase todo dia, até porque eles moram perto de mim, acho que dá uns seis quarteirões da minha casa, do apartamento que eu comprei, para o apartamento dos meus pais (no bairro Papicu, em Fortaleza). Eu tento estar presente porque eu gosto mesmo. Para mim, família não é obrigação. Eu acho um saco essa coisa de quando a gente era criança, às vezes, que tio dizia, avó dizia assim: “Ah, mas o seu

Eugênio e Regina foram entrevistados no mesmo dia e em locais próximos entre si: a mãe de Fernanda, na casa onde a filha foi criada, no bairro Papicu; e seu irmão, no Shopping Riomar Fortaleza. Heloisa comemorou a escolha dos lugares, por serem perto da sua casa. Andressa, que mora na Caucaia, nem tanto.

tio"... Tio que é distante, né... "Ah, mas é seu tio, é do seu sangue". Aí você tinha que tratar bem, tinha que... Cara, família é como qualquer outra relação. Você só vai querer estar perto, você só vai amar se você admirar, se você sentir saudade, se você tiver uma relação, uma conexão, entendeu? Para mim, a minha família é tudo. Assim como alguns amigos específicos, que eu considero uma extensão familiar. Então para mim não é nenhum sacrifício. Eu acho que eu caminho umas duas ou três vezes por semana com o meu pai ali na pracinha, que é uma praça que tem tanto perto da casa do meu pai quanto da minha, levo meu cachorro. E a gente sempre conversa, às vezes mamãe vai também, às vezes não, às vezes vai só ele. E meus pais, para mim, eles são fortes. Por exemplo, às vezes eu tenho algum problema, em um trabalho ou em alguma relação com alguém, dificuldades, né, todo mundo tem. Aí eu converso com eles, sabe, e ele é uma luz. E eu acho massa, sabe, quando eu tenho alguma coisa assim que eu posso ir lá, conversar com eles e eles sempre parecem que têm uma luz (risos), é uma coisa que eu acho fenomenal. E é legal porque, como as pessoas, eles carregam valores diferentes, tanto de valor quanto de gênero. E aí às vezes você vê uma opinião, uma coisa mais maternal, mais paciente, mais calma... E também tem uma outra opinião, de um cara mais prático, mais experiente e isso é legal, entendeu. Porque, assim, ela é mãe, ele é pai, ele é irmão, mas, acima de tudo, eles são pessoas também, eles tiveram suas vidas e trazem isso para a relação comigo, que é muito enriquecedor. Eu acho, assim, que as minhas decisões eu que tomo e eu me responsabilizo por elas. Mas eu acho que é importante ter a escuta. Ter a escuta faz com que a gente pondere as coisas, que a gente reflita com mais calma. Então, na hora que a gente conversa com um amigo, com pai, com mãe, com irmão ou com a terapeuta, eles sempre vão dar um feedback. E isso é muito legal, sabe. Mas a escolha no final é minha. Mas, sem essas referências, sem esses apoios, eu acho que seria outra coisa. Então, assim, família para mim é a base de tudo. Hoje a família tem para mim uma importância que eu nem achei que um dia tivesse, assim como

as amizades. Eu acho que a coisa que realmente mais importa são essas relações. Hoje, para mim. Porque eu acho que é isso, a gente não leva nada da vida que não sejam essas relações ou essas memórias. Hoje, a minha relação com a vida realmente tem um outro significado, então eu tento ser muito cuidadosa. Eu gostaria de ter tido esse aprendizado talvez bem mais nova, mas eu só tive agora. Ainda bem que eu ainda sou jovem, você não acha? (risos)

**Andressa** – A gente tava falando de família agora e fiquei sabendo da sua mãe, que ela ainda mora no apartamento em que você foi criada, lá no Papicu. E você mora muito próxima a ela. Então eu queria saber qual a sua relação com o bairro.

**Fernanda** – Eu adoro. Quando a gente foi morar lá, não tinha muro, o que é raro hoje em dia.

**Heloisa** – Não tinha muro no Papicu?

**Fernanda** – Não (risos de toda a equipe). O prédio não tinha muro. Até porque naquela época era muito calmo, e tinha uma duna onde tem aquela escola... É (creche-escola Casa da) Tia Lea que tem ali (na Avenida Padre Antônio Tomás, 2171)? Acho que é. Era uma duna, um morro, tinha um morro que ficava a um quarteirão de casa. E o meu irmão tinha uns skates de madeira, que eu não sei como é que chama, que ele mesmo fazia. Era um skatezinho de madeira deste tamanho (mensura com as mãos), na vertical, assim, e tinha uma tábua horizontal. Imagina isso no dia a dia. Então a relação é muito forte com o bairro, tem uma memória afetiva muito grande com os espaços, com os lugares. Hoje, claro que tem uma mudança aí, mas tem aquela praça (Praça Martins Dourado, na Rua Bento Albuquerque, s/n, no bairro Cocó) que eu gosto muito, em frente à padaria, ali, que é até da associação dos amigos da praça, que é onde eu caminho, levo meu cachorro. Eu gosto do bairro. É muito prático, porque é perto de tudo que eu gosto. É perto das pessoas que eu gosto, é perto do mar, para eu velejar é dez minutos, isso no meu dia de trabalho é muito fácil, porque às vezes eu velejo na hora de almoço, para conseguir trabalhar, dar conta do trabalho. Eu nado, eu acordo cinco da manhã para poder nadar às seis, então é perto da (Avenida) Beira Mar, para ir

Na entrevista com Regina, a mãe chegou a se emocionar ao falar da filha, com orgulho de seus feitos. Heloisa e Andressa não tiveram como não embarcar juntas.

---

**“Você só vai querer estar perto, você só vai amar se você admirar, se você sentir saudade, se você tiver uma relação, uma conexão, entendeu?”**

---

Regina, mãe de Fernanda, foi extremamente receptiva com a equipe de produção. A dupla recebeu até suco de maracujá depois da conversa.

Para a realização da entrevista, Fernanda sugeriu dois lugares: o local onde ela veleja, na Praia de Iracema; e a Cavalaria da Polícia Militar. A praia foi descartada por ser um local muito aberto, onde o movimento de pessoas e o vento poderiam atrapalhar a entrevista.

---

“Eu acho que as minhas decisões eu que tomo e eu me responsabilizo por elas. Mas eu acho que é importante ter a escuta. Ter a escuta faz com que a gente pondere as coisas”

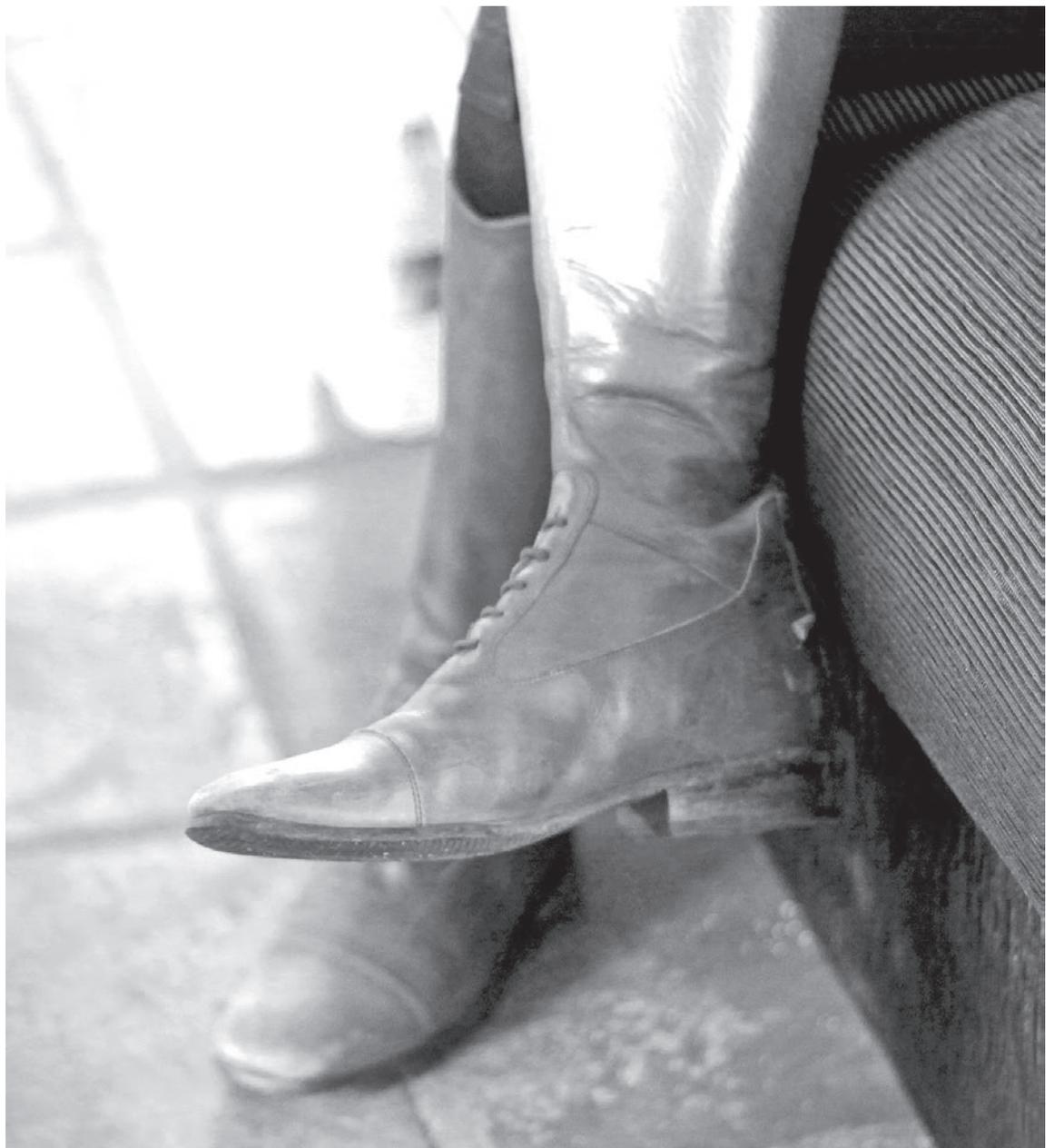
---

para a Beira Mar é dez minutos. Então é muito bom para mim, me oferece uma qualidade de vida boa.

**Andressa** – Tu pensa em sair de lá algum dia?

**Fernanda** – Olha... Não, não penso. É interessante essa tua pergunta, porque eu comprei esse apartamento lá e tão vendendo um terreno na frente desse meu apartamento. E aí eu já falei com o cara do terreno porque eu já tô pensando em construir uma casa. Então eu realmente não penso em sair de lá, eu gosto mesmo. E eu já tive oportunidade de sair, eu já tive algumas oportunidades de estudar fora, umas três oportunidades de estudar fora, tanto de graduação, quanto mestrado, doutorado. Passei, de seleção, de bolsa, de tudo que você imaginar, várias provas... Não fui. Não fui. Porque eu

A equipe de produção precisou ir à Cavalaria duas vezes além do dia da entrevista em si. No primeiro dia, Andressa foi sozinha, mas não conseguiu autorização para entrar. No segundo, a dupla conseguiu conhecer o espaço e escolher um lugar onde aconteceria a entrevista.



realmente tenho essa mentalidade (risos), eu realmente tenho essa mentalidade. Qual é a mentalidade que eu tô falando? Eu adoro estar na minha casa e poder pegar o meu carro e vir aqui (na Cavalaria da PM), ficar passeando com o Castanhão. A-do-ro. Para mim não tem coisa melhor, não tem nada assim. Eu adoro encontrar com Gudiú — Gudiú é minha mãe. Ligo ali, falo com ela, vou dar um passeio com ela pelo bairro... Essas coisas, entende? Eu amo essas coisas. Então, assim, pra mim, passar um tempo, quatro anos em outra cidade, não precisa, posso fazer tudo aqui, tanto é que eu fiz tudo aqui, na UFC (especialização e mestrado), na Unifor (graduação), né. Porque eu gosto. Gosto. Me lembra muito aquela cultura do povo do sertão mesmo, do interior, que diz: “Não, aqui, eu gosto disso aqui, eu gosto desse pôr do sol, eu gosto dessa cadeirinha aqui no alpendre”... É isso. A vida pra mim, nessa simplicidade dessas coisas, é rica. Essas coisas pra mim têm um valor que talvez para outras pessoas — porque as pessoas realmente são diferentes, é o que eu tô colocando o tempo todo, né — que eu não teria de repente lá fora, entendeu? Eu poderia ter milhões de outras coisas muito legais lá fora, mas essas coisas eu não teria. Eu teria outras coisas, essas não. E essas, para mim, são de uma ordem incrível.

**Alexandre** – Fernanda, a gente percebe que você é uma pessoa muito das sensações, do sensível, né. Mas você é de uma família que tem como tradição engenheiros, com pais engenheiros. Como é que foi isso? Porque geralmente esse povo das (Ciências) Exatas não é tanto desse lado do sensível, é mais técnico, né, até nas atitudes é mais técnico. Como é que foi essa vivência com pais engenheiros?

**Fernanda** – É interessante, né? Pertinente, viu. Então, meus pais são engenheiros, meu irmão é engenheiro também, já que vocês conversaram com ele. E eles são muito práticos mesmo, os três. É interessante isso, que trazem um pouco essa coisa do pessoal das Exatas. Mas... Eles também são sensíveis. Muito. Eu quando criança, eu não sei se eu cheguei a comentar isso com a Heloisa, mas eu acompanhava bastante as obras dos meus pais que eles faziam como engenheiros, né, prédio, ou obras do governo, (construção do) IML (Instituto Médico Legal), essas coisas. E inclusive eles explicavam como é que funcionava tudo. Eu lembro do dia que a gente foi visitar o Castelão, lá na reforma, e explicavam que — não sei se era isso, mas a minha memória tem isso — tem que ter um espaço na arquitetura da arquibancada porque, quando tem

muita gente, balança e tal, tem que ter esse espaço de respiro justamente para não trincar. Eu acho que eu fui sendo orientada, assim, para eu ser uma engenheira, sabe? (risos) Ou talvez arquiteta. Eu me lembro que meus pais conversavam achando que eu ia ser arquiteta porque eu gostava muito dessa coisa de desenho, né, de artes e tal. E eu não quis nem uma coisa, nem outra. Eu me lembro de a minha mãe dizendo “mas o que que você vai querer fazer”, né. Acho que ela até se preocupou. E aí, assim, essa parte sensível foi muito tocada pelas artes, pela imagem, pela fotografia, pelos animais. Por isso também que eu trabalhei um tempo com equoterapia (método terapêutico que utiliza o cavalo para o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas), com a sinoterapia (tratamento terapêutico com recursos da medicina chinesa), que é com cães. Acabei fazendo milhões de coisas, apesar de não ter sido engenheira. E eles têm sido um braço forte no meu trabalho, eles apoiam bastante. Desde que eles perceberam que eu encontrei uma coisa que eu gosto, eles me apoiam muito. Muito mesmo. Acho que quando eles viram “valha, ela gosta disso daí, fotografia” (risos), e aí sempre apoiaram.

**Ícaro** – Pode se dizer então que a arte foi uma bússola na sua vida?

**Fernanda** – Para mim? Não, não tenha dúvidas. A arte para mim é necessária. Para mim, Fernanda. A arte na minha vida é necessária, é até uma questão de saúde. É o lugar onde as emoções explodem. Sabe quando você tem um furacão dentro de você que você precisa canalizar para algum lugar? Esse lugar é o esporte e a arte. Ponto. Esporte e arte. É um espaço saudável de canalizar toda essa energia, toda essa força, para uma construção positiva. Tem sentimentos que você tem, né, que você quer, quer, aargh, pá! É uma foto (risos). E é engraçado, quando eu tenho sentimentos que eu não consigo resolver em nenhum desses lugares, só tem um lugar que eu consigo resolver: é fazendo música, apesar de não trabalhar com isso nem nada. Mas é tocando, é criando alguma música, assim. É realmente quando é alguma emoção que eu não consigo pá! Aí é na música.

**Ícaro** – É na música instrumental?

**Fernanda** – É.

**Ícaro** – Qual o instrumento?

**Fernanda** – É no violão. Mas isso realmente é só pessoal, não é artístico, não é nada, até porque eu toco muito pouquinho, assim. Mas é isso, é necessário, nesse sentido. Quantas vezes aquele violão ali naquele quarto foi necessário...

A Cavalaria da Polícia Militar, hoje denominada Regimento de Polícia Montada Cel. Moura Brasil, foi fundada em 1901.

Os soldados e tenentes da Cavalaria se mostraram muito solícitos ao atender a equipe de produção.

A reunião de pauta da entrevista foi conturbada, por levantar na turma diversas questões sobre a entrevistada que ainda não tinham sido respondidas. A equipe de produção teve apenas três dias para fazer mais uma entrevista e reformular a pauta.

**Ícaro** – É interessante que você fala “profissional” e “artístico”... Mas existe diferença ou os dois se cruzam o tempo todo e você não consegue distinguir o que é o “tô sendo profissional” do “tô sendo artística”?

**Fernanda** – É interessante... Eu acho que tem um pouco das duas coisas, sabe? Porque que talvez você tenha percebido isso, porque no momento que eu tô dando aula, eu sou professora, né? Eu sou menos artista e mais professora (há uma referência indireta ao tempo em que Fernanda foi professora do Ícaro, no curso de Jornalismo do Centro Universitário Estácio do Ceará, em Fortaleza). No momento em que eu tô coordenando, que eu tô na função administrativa, eu tô na gestão, então quem tá ali comigo, mais de 20 funcionários, recebendo outros artistas, não é a Fernanda-artista. Eu não tô lá fotografando, eu tô lá coordenando exposições, falando com outros artistas. Quando eu tô com aluno, trocando ideias, teorias e textos, eu não tô necessariamente a Fernanda-artista, é por isso que talvez você perceba essa diferença, né, no que eu falo. A Fernanda-artista eu vejo mais quando eu crio alguma coisa de mim. Quando eu crio esses projetos que vem a ideia, que eu vou à pesquisa, que eu vou a campo, faço alguma coisa, que nasce alguma imagem, que vai alguma coisa, aí eu me sinto artista, entendeu? Na verdade, seria bom se eu pudesse ter mais tempo para isso ou ser só isso. E que fique claro que aqui, na nossa realidade, Fortaleza, Ceará, Brasil, é difícil você conhecer um artista nesse campo — eu não tô falando de pessoas famoososas não, eu tô falando de gente normal — que viva só de arte. É muito delicado. Então talvez por isso essas outras funções existam.

**Lorena** – Você já mostrou essas suas composições para outra pessoa ou você só toca para você mesma?

**Fernanda** – Ah, isso aí é só meu. Assim, tem com os amigos, eu tenho um amigo que é parceiro de crime, né, que ele sim, ele tem banda, ele toca e tal. E toda vida eu mostro pra ele, ele sempre toca comigo e ele sempre grava comigo. Faz a musiquinha acontecer, mas é só para bel prazer, entendeu? E eu nem tenho interesse de outra coisa não, não mesmo. Meu negócio mesmo é com a fotografia. E eu ainda quero, já faz uns três anos que eu quero voltar para a escultura e eu não consegui por causa desse timing de trabalho. Mas eu quero, para o ano, voltar para a escultura em uma turma à noite. Mesmo. Mas a música é só mesmo para brincar, assim.

**Larissa** – Fernanda, você falou de uma gama muito vasta de interesses de coisas

que você gosta de fazer. E eu não consegui entender em que ponto foi esse que você escolheu a (graduação em) Publicidade na sua vida.

**Fernanda** – Ah, eu consigo entender (risos). Era simples. Imagina, naquele ano eu tinha 18 anos, isso faz quanto tempo? Eu vou fazer 36... Naquela época, o que eu tinha mais perto de arte aqui em Fortaleza era isso. Né, tipo assim, eu tentei me aproximar, qual é o curso que eu poderia ver coisas que de repente trouxessem as artes? Na Publicidade, eu poderia trazer um pouco do design, um pouco da redação, eu fazia poesia, né, sempre fiz poesia e tal, ia trazer essa coisa do audiovisual... Enfim, então ela ia trazer segmentado, repartido, mas ia ser mais próximo. Então foi mais por falta de opção mesmo. Nunca pensei em ser publicitária, em ter agência, não.

**Larissa** – Você chegou a exercer em algum momento, mesmo que fosse como estágio, alguma coisa assim, a publicidade mesmo propriamente dita?

**Fernanda** – Publicidade mesmo propriamente dita... Não. Eu trabalhei com assessoria de comunicação e assessoria de imprensa. Aí teve uma época que na assessoria de comunicação eu fazia, assim, alguns designs, folders, marcas. Mas era mais isso, mais vinculado ao design impresso e tudo, e a criação de logomarcas. Mas foi um curto período. Mas eu nunca sonhei em ser publicitária.

**Lorena** – Mas então por que fazer faculdade? Foi uma pressão dos seus pais de você ter que fazer ou por uma vontade sua de fazer alguma faculdade?

**Fernanda** – Não... Eles nunca me pressionaram a fazer uma faculdade, não... Eu acho que era mais uma lógica, né: acabou o terceiro ano, vamos fazer uma faculdade (risos). Nunca me pareceu como se fosse algo de pressão, era mais que era o caminho natural de todos nós, assim, daquela minha realidade, né. Eu me lembrei de uma coisa aqui, que a gente tava falando antes, da Publicidade. Eu, na verdade, eu sempre sonhei, isso muito claro desde criança (falando com muita ênfase), eu tinha realmente esse sonho. Eu me lembro que eu vi um filme, eu não lembro o nome do filme agora, mas era um filme que tinha uma mulher que ela ia morar na África — eu não sei se o ator era aquele Harrison Ford, não lembro — enfim, e ela tinha uma câmera, era fotógrafa. Toda vida quando eu era criança e eu via os filmes da África, eu achava fenomenal. Que sempre tinha fotógrafos ou alguém com botas, cavalos... Então, desde criança, eu sempre sonhei em trabalhar com fotografia, eu sempre

A equipe de produção levou um susto ao perceber que o Rafael de que Fernanda falava como seu melhor amigo também se tratava do professor do curso de Jornalismo da UFC. A partir daí, o contato foi facilitado.

sonhei em trabalhar viajando, eu sempre sonhei em ter cavalo, sempre sonhei em usar botas. Isso aqui é quase como superpoderes, entendeu, para mim. Sabe? É todo o ritual, quando eu tô em casa que vou colocar o culote, que eu boto a bota, é como se fosse realmente um... Sabe? Eu... É fenomenal, entendeu? A mesma coisa com o velejo, você bota aquela roupinha... Ou quando vai nadar, ou quando pega uma câmera fotográfica. Você, quando tá com uma câmera na mão, a sensação é outra. Parece que baixa um negócio aí na gente. Então, assim, eu desde criança tinha esse sonho. Eu não sabia o que, mas eu tinha. Mas publicitária não, nunca sonhei. Jornalista, nunca sonhei. Professora? Nunca sonhei em ser professora na minha vida! Essa parte administrativa de hoje, nunca sonhei. Se dissessem assim: "Um dia você vai estar à frente..." Eu? "Ah, você vai dar aula em uma universidade". Eu? Professora? Tinha nem perigo! Só que eu descobri e amei. Amei!

**Alexandre** – De forma concreta, com qual foi a idade que você percebeu "eu vou trabalhar com fotografia e arte"?

**Fernanda** – Com 19 anos. "Vou trabalhar com isso, vou viver disso". Foi isso que aconteceu, eu tenho vivido da fotografia. Seja fotografando, seja dando aula de fotografia, seja (risos) no Museu da Fotografia em uma função administrativa, mas tudo é fotografia. Eu vivo da fotografia. Cada coisa que eu conquistei na minha vida foi com a fotografia. A casa que eu comprei foi com a fotografia, os carros que eu tive foi com a fotografia, os equipamentos que eu tenho foram com a fotografia, meu cachorro é com a fotografia, meus equipamentos... Tudo é com a fotografia! Isso aqui é fotografia, isso aqui é fotografia, isso aqui é fotografia (pegando em objetos que estavam com ela), tudo é fotografia. A qualidade de vida que eu tenho hoje quem me deu foi a fotografia, seja se for através do ensino ou do próprio fazer artístico, foi a fotografia.

**Ítalo** – Fernanda, e a primeira câmera que tu ganhou do teu irmão, ela representa o que para ti?

**Fernanda** – Cara, tem duas câmeras que representam tudo para mim. Essa câmera que o meu irmão me deu, que foi uma Nikon analógica. Na época eu era estagiária de assessoria de imprensa. Eu ganhava um salário mínimo, era muito pouco um salário mínimo naquela época, eu era muito nova, né, mas enfim. Então eu juntava o meu dinheirinho todo mês, porque os meus pais, depois que eu comecei a trabalhar, não me deram mais mesada (risos). E aí era esse salário-mínimo, cara, que era muito pouco. E aí eu mandei pro

---

**"Eu tenho isso, esse negócio de bater o olho e sentir, 'vai ser aqui', 'é esse lugar' ou então 'é esse projeto, esse trabalho', 'esse cachorro, esse cavalo'"**

---

meu irmão (que estava fazendo intercâmbio fora do país), mas não dava pra comprar a câmera que ele me mandou, e ele mandou uma câmera com uma grande-angular, uma teleobjetiva. Aquilo ali pra mim significou a possibilidade de eu começar alguma coisa, de eu começar minha carreira. Ele, na verdade, abriu uma porta pra mim com a atitude simples, né, que é só dar uma câmera, mas, para mim, possibilitava o mundo. Que é a história do superpoder, né, "ah, com essa câmera aqui eu vou poder estagiar, vou poder fotografar, vou poder pegar um freela lá no Theatro (seu primeiro estágio), fotografar para um grupo de atores ou um grupo de dança, vou poder ganhar meu dinheirinho, vou poder ir atrás de um estágio no jornal". Quer dizer, a câmera possibilitava tudo. Ela possibilitava eu fotografar! E a outra câmera que tem um significado ímpar para mim foi a Kodak Instamatic 11, que foi minha mãe que me deu de presente de aniversário, acho que eu tinha uns nove anos, talvez. Eu pedia, pedia, pedia e ela pegou e me deu essa que era uma dela. E, para você ter ideia, eu mandei fazer na minha casa uma espécie de pedestalzinho, uma mesinha alta com madeira e um ferro trabalhado só pra botar a câmera lá na sala. E ela tá lá. Então são as duas câmeras que têm um significado muito forte pra mim, assim, afetivo, sabe?

**Heloisa** – E como que é a sua relação com o Eugênio (irmão dela) e com seus sobrinhos também? Ele contou que você é madrinha de um deles, né.

**Fernanda** – Da Júlia. Eu sou madrinha da Júlia (pausa, pensativa). Eu acho que é uma responsabilidade grande, sabe, você ser madrinha de alguém. Porque eu sou madrinha da Júlia e eu também sou madrinha de outras pessoas que são filhos de uma grande amiga minha, que são gêmeos, e também sou madrinha de mais uma criança. Toda vida que eu penso que alguém me escolhe para ser madrinha, eu tremo nas bases, porque... É, porque ser madrinha não

A entrevista com Rafael Rodrigues durou uma hora e quarenta minutos, sendo mais longa que a pré-entrevista com Fernanda. Põe história pra contar!

No dia da entrevista, Fernanda chegou mais cedo na Cavalaria para poder passar um tempo com Castanhão. Ao encontrar Heloisa por acaso, disse: "Quando chegar a hora de começar, você me chama!".



**“A arte na minha vida é necessária, é até uma questão de saúde. É o lugar onde as emoções explodem”**

Fernanda relata que vai com frequência à Cavalaria apenas para encontrar Castanhão. A amizade com o cavalo faz parte de sua rotina.

é só uma questão de título, né, é uma questão de responsabilidade que você tem que ter mesmo na relação, na educação. E... Eu tenho uma facilidade maior com crianças que já desenvolvem a linguagem, entendeu, isso é meu, Fernanda. O bebezinho eu acho lindo, acho bárbaro, mas eu me comunico melhor com crianças que já estão falando alguma coisa. E pra mim foi um aprendizado grande, tanto o Igor (sobrinho) quanto a Júlia, mesmo o Igor não sendo o meu afilhado, porque eu tive que vencer esse desafio, sabe? Eu não ia esperar os meninos fazerem três, quatro anos de idade pra poder eu criar uma relação. Eu sempre penso nessa responsabilidade, na referência, no afetivo, e isso serve para todos que são afilhados, não só pra Júlia. Eu gostaria, na verdade, era de ter mais tempo ainda, entende? Pra todo mundo, pra todos esses amores, assim, que eu fui citando. O tempo é restrito. Ninguém acredita, né, mas ele é. Então, assim, eu acho que só precisa um pouco mais de tempo pra poder se apropriar mais dessa... Quando eu falo dessa responsabilidade, é mais no sentido de cuidado afetivo mesmo, entende.

**Ítalo** – Como é a tua relação com o Eugênio?

**Fernanda** – Meu irmão? Boa, a relação com o meu irmão acho boa.

**Heloisa** – No que diferencia a tua relação com o Eugênio com a relação com os teus pais?

**Fernanda** – A diferença com o Eugênio e os meus pais? Acho que os meus pais eu tô mais perto, no sentido mesmo dessa questão, a gente consegue... Meus pais, os dois, são aposentados, então é mais fácil eles se adequarem tanto à minha agenda quanto à dele, à do Eugênio. Então com eles eu tenho mais frequência, vamos colocar assim. Acho que é isso que diferencia, frequência.

**Andressa** – Mas como foi crescer com o Eugênio?

**Fernanda** – Como foi crescer com o Eugênio? É... Foi bom, assim, né. Eu sempre desejei ter, também, além do Eugênio, eu sempre me perguntava como é que seria ter uma outra irmã, uma mulher, mas nunca tive. Mas crescer com o Eugênio foi bom, assim, ele sempre tinha mesmo essa coisa do irmão mais velho, de ter que cuidar, ter que olhar. Ele é um cara

---

“Desde criança, eu sempre sonhei em trabalhar com fotografia, em trabalhar viajando, em ter cavalo, em usar botas. Isso aqui é quase como superpoderes para mim”

---

Fernanda questionou o lugar que havia sido escolhido para a entrevista na Cavalaria, por não considerar a melhor opção fotograficamente falando. Ela sugeriu um local junto aos cavalos.



mais calmo, a personalidade do Eugênio é bem diferente da minha personalidade. Eu acho que eu devo ter dado muito trabalho a ele, porque eu era uma criança muito danada (risos). Eu era uma criança, realmente, com muita energia, sempre tive muita energia. Olha, se eu virasse as costas e tu olhasse, eu já tava correndo em cima desse negócio branco aí (apontando para um cercado de madeira). Hoje toda a minha energia continua, mas eu super prático ela em todos esses esportes radicais. E o Eugênio não, ele era uma criança mais calma, ele era um cara que tava lendo sempre muitas revistinhas, muitos livros... Acho que poderia até ter um equilíbrio, por causa dessas diferenças, né. No colégio, também ficava uma diferença forte assim, porque, como eu te disse, eu, no colégio, não tive tanta facilidade de identificação com as disciplinas. E já o Eugênio, como gostava muito de ler, então ele sempre foi um excelente aluno, e tal, e ficava essas diferenças de personalidade.

**Andressa** – Mas, mesmo vocês tão diferentes, existia alguma característica que unia vocês dois? Alguma coisa em comum?

**Fernanda** – Olha, hoje, é engraçado, assim, porque hoje eu vejo muitas coisas que tenho afinidade. Na infância, eu não sei se eu saberia te responder hoje, o que poderia ter de afinidade. Apesar de a gente sempre, no prédio e na família, fazer parte das mesmas brincadeiras. Claro que tem algumas brincadeiras que iam diferenciar... Mas hoje, o meu irmão, como eu disse, é um cara muito sensível. Então essas coisas todas que eu gosto ele também gosta, existem afinidades. Já na infância, eu acho que eram mais as brincadeiras, mas em termos de gosto...

**Beatriz** – Seus pais têm esses interesses artísticos também ou não?

**Fernanda** – Não.

**Beatriz** – E aí você e seu irmão despertaram essa veia artística, mas por quê?

**Fernanda** – Meu irmão, é como eu disse, ele admira as artes, então tipo, ele escuta muita música, ele entende bastante um pouco da história da arte, morou fora, visitou muitos museus, leu bastante. Mas ele não chega a fazer arte, como ele colocou. Eu não sei da onde isso vem, sabe? Tu me perguntou isso, foi? (risos). Sei não de onde vem, sei lá (risos). Eu não sei, porque, tipo

Por o local sugerido ser em meio ao sol e o vento ao ar livre poder atrapalhar as gravações, o lugar escolhido pela equipe foi mantido. Porém, as cadeiras foram mudadas de posição assim que Fernanda chegou.

---

“Eu acho que, em todas as relações, o segredo tá na empatia, no perdão e no respeito. As relações não vão durar se não houver essas coisas. A relação só vai durar se você aprender a escutar”

---



Quando a equipe de produção escolheu o local que aconteceria a entrevista, não pensaram no movimento do sol. À medida que entardecia, o sol avançava para onde o grupo se encontrava.

A configuração inicial das cadeiras em meio círculo foi totalmente modificada com o continuar da entrevista por causa do sol. A equipe de produção se preocupou se isso atrapalharia o resultado da entrevista.



assim, o máximo que eu tenho de referência artística dos meus pais é a música, são os LPs da Maria Bethânia, os LPs da Gal (Costa), os LPs da Rita Lee... O máximo de arte que eu vi, assim, que eu cresci. Claro que isso teve uma influência no meu gosto, por exemplo, a minha cantora predileta, aliás, a única que eu sou fã é a Gal Costa. Que eu não gosto nem de ser fã de ninguém, pra começar logo por aí, que eu sempre gosto de uma relação de igualdade com qualquer pessoa, não gosto de colocar ninguém em suposto saber. Então eu sempre parto do princípio que todos nós estamos aqui no mesmo nível. Mas a única que eu me permito, que eu amo mesmo, assim, é a Gal. E isso tem uma relação muito forte mesmo com essa música, né, que se escutava lá em casa. Mas eu não sei da onde vem essa coisa da arte, não, não sei te responder, não tenho nem uma avó, nem um tio que me ensinou, que eu visse, ou que eu... Entendeu? Eu sempre cresci mais nessa vida, que ele colocou aí. Meus pais eram funcionários públicos, engenheiros, trabalhavam, batiam ponto, voltavam pra casa... E eu fui assim mesmo, eu gosto, desde criança eu gosto, sempre fui atrás de curso de desenho, fui frustrada, desenho pessimamente, é horrível, meus desenhos são terríveis, eu fazia os cursos e era uma miséria...

**Sâmia** – Mas por que só a Gal Costa, o que te despertou?

**Fernanda** – Por que a Gal? Olha, eu adoro a voz da Gal. Sabe, me acalma, é suave... Eu adoro as músicas, as letras que ela interpreta,

assisto a tudo o que eu posso sobre ela. E quando eu gosto muito de uma coisa, eu reservo essa coisa pra um momento específico, eu não faço muito. O que que eu tô tentando te dizer, por exemplo, como ela é minha cantora predileta, eu não escuto ela todo dia, entendeu? Então eu posso emprestar os CDs de Deus e o mundo que eu tenho lá em casa pra todo mundo, mas os da Gal eu não empresto pra ninguém. É isso, assim. Mas a voz da Gal me acalma, mesmo.

**Ícaro** – Fernanda, artes plásticas, fotografia é o contato com a arte e a tentativa de dizer alguma coisa. O que exatamente tu quer dizer o tempo todo? Ou tu não quer dizer? Enfim...

**Fernanda** – O que eu quero dizer não dá pra responder assim, numa frase só pra ti, porque a gente passa por momentos diferentes e fases diferentes na vida. Então, quando eu fiz o primeiro livro, eu tinha 19 anos, eu queria fazer uma coisa, com 25 é outra. Agora com 35 é outra, então eu não posso te dizer que “eu quero te dizer uma coisa”, entendeu? Porque isso vai mudar de acordo com as circunstâncias da minha vida, né, de acordo com meus aprendizados e minha maturidade. Hoje, eu tenho uma relação com a arte e com a fotografia muito diferente de quando eu comecei. Quando eu comecei a fotografar, eu queria muito, muito que meu trabalho pudesse... Ir, né, ganhar asas e ter reconhecimento. Hoje me parece que é fácil ter isso e eu já não tenho esse desejo de quando era mais nova. Hoje a arte, pra mim, tem outro significado que é

Apesar da preocupação, muitos dos entrevistadores contaram na reunião de avaliação que consideraram esta a melhor entrevista até aquele momento.

diferente, parece quando eu era mais nova, quando eu fotografava, parece que era mais a Fernanda-fotógrafa, e hoje é mais as fotos, entendeu? Hoje são mais as fotos e menos eu. É o trabalho, é as pessoas, é o que essas fotos podem mudar na vida dessas pessoas, é se pode mudar alguma coisa mesmo ou não, né, vamos ser bem realistas... De que forma pode ajudar, entendeu?

**Ícaro** – Todos os teus trabalhos têm uma veia muito social, um lance do “outro com outro”, e a equipe de produção comentou que você não se considera fotojornalista.

**Fernanda** – Não, me considero não. Porque eu não trabalho com fotojornalismo em essência, eu não me considero assim. Eu não tô trabalhando pra nenhum veículo, eu não fotografo pra nenhum jornal, eu não vendo foto pra nenhuma revista – eu já o fiz, hoje não mais –, eu não atendo a nenhum veículo de comunicação, eu não tenho aquele batente do fotojornalismo que os fotojornalistas vivenciam, que é duro e é difícil. Assim, eu não me sinto dessa forma. Hoje eu posso te dizer que, por exemplo, 2017, esse ano, a gente tá em novembro... Eu só peguei, esse ano, na câmera uma vez. Uma vez no ano todinho, pra você ter ideia. Foi lá no começo do ano, em fevereiro, quando eu viajei pra fotografar os assentamentos de Itapipoca pro pessoal de Brasília, fotografar os índios, fotografar os negros que viviam lá na Serra de Itapipoca, uma realidade difícil... Uma vez no ano de 2017. Hoje em dia eu fotografo muito pouco e eu escolho mesmo, pra pegar na câmera eu raciocino muito. Antes... É isso que eu tô te dizendo que mudou a relação com a fotografia inteira. Antes eu fotografava tudo, achava que tudo era projeto, que era massa e num sei o que, e eu saía fazendo, fazendo, fazendo, fazendo... E não é assim, sabe, não dá pra ir fazendo, fazendo, fazendo, fazendo projeto como se eles fossem.... Sabe? Hoje, quando eu penso em pegar minha câmera, quando eu penso em fazer um projeto, eu penso na responsabilidade disso, entendeu? “Eu vou lançar isso aonde e por quê? Com qual objetivo? Será que eu vou dar conta disso?”. Então, eu não me sinto fotojornalista.

**Andressa** – Fernanda, eu queria voltar pra pergunta anterior. Então, você falou que esse momento aqui, que tá acontecendo com a gente, é uma coisa muito rara, já que você se expõe menos atualmente. Por que aceitar falar com a gente?

**Fernanda** – Porque ela (aponta para Heloisa) me disse que tinha sido uma dica de um ex-aluno (o Ícaro Machado).

(risos do grupo)

**Fernanda** – Porque eu perguntei pra ela... Foi você (pergunta à Andressa, que compôs a equipe de produção desta entrevista com Heloisa) ou foi ela (Heloisa) com quem eu falei, que eu perguntei: “Sim, mas da onde é que vocês tiraram essa ideia? Por que eu?” Foi pra você? (pergunta à Heloisa).

**Heloísa** – Acho que foi.

**Fernanda** – E ela me falou, né, e eu sou muito apaixonada pelos meus alunos. Claro que tem um ou outro que você tem dificuldade, mas né, eu dou aula há 11 anos, é claro que vai ter uma turma que você vai ter um problema, um aluno que você goste menos e outro que você goste mais, mas eu sou muito apaixonada pelos meus alunos. Então, assim, teve um peso emocional na hora que foi dito que era um aluno, eu queria corresponder, foi mais nesse sentido mesmo.

(curta pausa silenciosa)

**Ítalo** – Mudando um pouco pra outro lado da tua vida... Você me parece ter buscado muita independência. Com quantos anos tu saiu de casa? Como foi essa experiência de sair de casa?

**Fernanda** – Olha, essa personalidade independente vai desde... Você percebe isso, né, no jeito da criança de brincar, de subir, de aparecer, entendeu? Então, isso realmente é da minha personalidade. Eu saí de casa com quantos anos?... 28, eu acho (em tom de autoquestionamento). Eu sou ruim de data, viu, eu não sei, acho que foi, acho que deve ter sido isso.

**Ítalo** – Como foi a experiência de sair de casa?

**Fernanda** – Olha, foi massa. Foi muito massa em vários sentidos porque os meus pais, eles praticamente estimularam, sabe. Eu tinha tudo: eu ganhava bem, sempre tive meus trabalhos, meus empregos. Então na época, você morando com os pais e ganhando salário, você tem tudo. Eu vivia viajando. Sempre viajava com os amigos, mas escolhia uma viagem no ano pra fazer sozinha. Assim, eu tinha uma série de mordomias. Mas eles praticamente me convidavam, minha mãe sempre dizia: “Olha, você podia comprar isso aqui pra sua casa”. Mas que casa? (todos riem). Ela dizia: “Pro dia que você for ter sua casa... Ah, uma geladeira, um móvel, um fogão”. Olha, eu vou te dizer: eu tinha, um ano antes de comprar meu apartamento, eu já tinha quase tudo pro meu apartamento na casa da minha mãe. Na sala da minha mãe ninguém andava, tinha dentro da caixa geladeira, fogão, os móveis, que era madeira crua. Eu tinha tudo, e por onde eu viajava, eu comprava coisas pensando no dia que eu fosse ter minha casa. E aí eles estimulavam dessa

Durante a entrevista, era possível ouvir cavaleiros relinchando ao fundo, crianças brincando e, eventualmente, tiros de um treinamento. Fernanda, acostumada ao ambiente, não pareceu incomodar-se, mas o grupo se assustava com certa frequência.

Ao contrário da pré-entrevista no Museu, Fernanda foi interrompida apenas uma vez durante a entrevista na Cavalária: Martins, seu professor de hipismo, parou para cumprimentá-la rapidamente.

Quando perguntada sobre um caráter “cruel, porém necessário” do fotojornalismo, Fernanda recusa-se a responder por julgar a pergunta indutiva. Nesse momento, a entrevista torna-se numa conversa entre iguais: comunicadores.

forma, até o dia que eu comprei minha casa e foi maravilhoso, sabe. Olha, é a melhor coisa, tem coisas que você deseja fazer na sua casa que não dá pra fazer na casa dos pais, né. (Ítalo ri). Passei dois anos pesquisando, fui em vários bairros, vendo apartamento novo, antigo, pá e pá e pá, e todo sábado eu visitava um monte de apartamento, até o dia que eu encontrei esse que tinha a varanda do jeito que eu queria. Eu gosto muito de plantas, então eu botei o olho na varanda e já vi tudo. “Vai ser aqui!”. Eu tenho isso, esse negócio de bater o olho e sentir, vai ser aqui, é esse lugar ou então é esse projeto, essa turma, esse trabalho, esse cachorro, esse cavalo. Eu tenho um negócio assim, sabe. Então, o Castanhão, eu bati o olho no Castanhão e vai ser esse cavalo, não tem outro, pode existir 20, 30 cavalos no mundo, nenhum deles, pra mim, é lindo como ele. Não é, não tem, o único que mereceu uma tatuagem nas minhas costas foi ele. A mesma coisa foi com o apartamento, então eu botei o olho e foi isso. Mas tu acha que eu levei todas as coisas que eu tinha comprado? Não. Quando eu fui morar lá, deixei tudo lá (no apartamento da mãe), eu levei só o meu cachorro na época, que era o Bandit, a geladeira e o fogão. E por um ano eu morei assim. Geladeira, fogão e esse colchãozinho, que era tipo de solteiro, branco, não levei nem minha cama de casal, porque eu disse: “Só trago tudo pra cá no dia que o apartamento tiver do jeito que eu quero”. Aí eu fiz a reforma no final do ano, fiz as plantas que eu queria, tudo do jeito que eu queria. Quando ele tava a minha cara, foi que eu disse: “Pronto, agora traz tudo pra cá”. E eu tenho isso pra tudo na minha vida, tudo o que eu faço tem que ser daquele jeito, entendeu? Eu boto o olho e tem que ser daquele jeito, pode ser bom e pode ser ruim, né, tem aí um pouco de disciplina, de determinação e uma coisa de teimosia, é um misto de todas as coisas. É isso.

**Ítalo** – E essa tua personalidade forte te atrapalhou em relacionamentos como amizades, entre amigos?

**Fernanda** – Alguns sim, com certeza. Mas também me ajudou bastante. Ter uma personalidade forte é uma faca de dois gumes, também pode ajudar. No momento que você aprende a usar isso ao seu favor, aí é um ganho. Enquanto eu não sabia usar essa personalidade forte, eu bati com a cara na parede algumas vezes. Depois que eu aprendi a usar isso ao meu favor, aí foi um ganho. Então sim, quando eu era mais nova, essa personalidade forte poderia atrapalhar um pouco, de ter interferido em relações de

amizade, de família ou de trabalho. Hoje, eu fui desenvolvendo as minhas estratégias e também fui criando a habilidade do autocohecimento através de terapia – faço terapia há muito tempo e gosto – e isso me ajudou a pegar essas características e a usar como ferramentas pro meu caminho, não para dificultar meu caminho. A relação com o cavalo, principalmente, me ensinou muito da relação com as pessoas e é isso que eu tentava passar um pouco pros pacientes da equoterapia, os pacientes que eu atendi. Essas paixões, a fotografia, o cavalo, o cachorro, eu vejo eles como transformadores de vida. O cavalo é um transformador de vida... A partir do momento que você dá banho no cavalo, encosta bem aqui (aponta para parte do corpo) e percebe que ele não gosta, que ele vai dar um coice, você também aprende isso com aquele amigo, entendeu. “Aquela personalidade forte da Fernanda é aquela mesma coisa do cavalo. Aqui você não pode, aqui você tem que recuar” (risos). Então a gente vai aprendendo isso, né, eu vim amadurecer essa questão da minha personalidade muito tarde, já vim amadurecer isso com 24, 25 anos... Foi quando eu comecei a despertar, comecei a me apropriar, a pegar o espelho e dizer: “Sim, de que forma isso vai me servir? De que forma eu posso utilizar isso como uma via saudável pras minhas relações?” É isso, tá dando certo, hoje tá dando super certo.

**Ítalo** – Poderia comentar um pouco sobre os teus trabalhos? Porque eles têm um caminho muito parecido, que é o foco da mulher que se empodera, mas tem diferenças porque são distintos, um é litorâneo e o outro é sertanejo.

**Fernanda** – No sertão, é... E tem os outros trabalhos, né. Engraçado que o trabalho que eu mais gosto foi o trabalho que eu ainda não publiquei o livro fotográfico, só publiquei o livro teórico, que foi As Cores Violetas. Os trabalhos que você tá citando é o do começo e o último, que foi lançado ano passado. Esses são os que as pessoas mais conhecem, que representam isso daí que você tá falando, mulheres em situação de liderança, que reflete um pouco isso de mulheres de personalidade forte, representa isso mesmo. Mas o trabalho que eu mais gosto, que ainda não publiquei, ele já vai mostrar um lado mais dócil, mais singelo, ele vai mostrar um lado mais íntimo. Ele tá pronto lá, o livro, eu vi com o Silas (Silas de Paula, professor aposentado da UFC e orientador de Fernanda no projeto As Cores Violetas, durante o Mestrado em Comunicação). Eu fiz o protótipo, mas eu não publiquei. Lá tem fotografia minha (quando eu era) bebê, tem foto do meu irmão, tem foto dos

Devido a imprevistos, tanto Andressa quanto Gabriel, o fotógrafo convidado, chegaram ao local com dez minutos de atraso. Apesar do ocorrido, a entrevista seguiu normalmente, sem demais interrupções.

meus pais, do casamento deles, tem foto do Castanhão, lá tá a minha vida, a fotografia como memória, mas é porque eu quero publicar de uma forma muito especial, o tipo de papel que eu quero eu ainda não fechei, é algo que eu quero fazer.

**Lorena** – Então, tendo trabalhos que dão destaque ao empoderamento feminino, você se considera feminista?

**Fernanda** – Pois é, eu não me considero, tu acredita? Que louco, né, com esse monte de trabalho assim sobre feminino, sobre mulher, sobre luta das mulheres e tal, eu não me considero.

**Heloisa** – Por quê?

**Fernanda** – Gente, porque não me considero, não abracei isso ainda como causa. “Ah, sou feminista!”. Eu abracei outras coisas, que eu considero um grande passo. Tipo, “eu sou fotógrafa” já foi um passo gigantesco na minha vida (risos), entendeu? Então já tem tanta coisa que eu abracei, que eu me apropriei, que pra mim foram ganhos incríveis. Agora feminista, não, ainda não.

**Heloisa** – A gente tinha começado a falar sobre amizades e aí eu queria saber se você se considera uma pessoa de muitos amigos.

**Fernanda** – Considero. Eu vou te dizer o que é que eu considero e não considero: eu não me considero uma pessoa popular, porque a forma como você usa a palavra “amigo”, eu não sei se é a mesma forma que eu uso. Então eu não sou a pessoa que vai ter a simpatia de todo mundo, de todos os colegas, de todos os grupos, de todos, sabe. Agora, se eu me considero uma

pessoa de muitos amigos, eu me considero. Amigos verdadeiros. O que eu já não sei se é todo mundo que tem hoje em dia. Quando eu falo de amigo, isso quer dizer que se eu saísse ligando pra essas pessoas pra uma situação importante na minha vida, eu tenho certeza que nenhum deles deixaria de me atender. Se eu quiser confidenciar algum segredo a eles, eu falo, eu não tenho medo do julgamento dos meus amigos. Eu falo desde as sombras às luzes, do meu melhor ao meu pior lado, então é por isso que eu falo que essas pessoas, esses amigos, pra mim são como uma extensão. Por isso que a Georgia escolhe que eu seja a madrinha do filho dela. Eu me considero uma pessoa de muitos amigos, porque tem um ditado que diz: “Conte numa mão quantos amigos você tem”. (Ergue as duas mãos, contando os dedos e diz:) eu já consigo contar mais de duas, mas é porque eu vejo amigo dessa

---

“Olha, eu aprendi uma coisa: ninguém é insubstituível. Eu aprendi que, se eu faltar naquele dia, o dia vai continuar existindo”

---

Depois do atraso, Andressa não recomenda a topic 03 como forma de transporte até a Cavalaria e reforça que o deslocamento de Caucaia até Messejana é mais difícil do que se imagina.



Perto do fim da entrevista, Gabriel permitiu-se fazer uma pergunta à Fernanda. A conversa estava tão envolvente que os protocolos foram deixados de lado por um momento.

A equipe de produção debateu sobre a questão e optou por não incluir a pergunta de Gabriel à edição final da entrevista.

---

## “Eu não vou chegar aqui e dizer ‘ah, o fotojornalismo é cruel, mas é necessário’. Não vou, não, eu vou recorrer ao meu direito de ficar calada”

---

forma, tô falando de amigo, pessoa com quem você conta, pessoa que você confia, eu não tô falando de pessoas pra viver as efemeridades, não tô falando de pessoas pra sair, pra dançar... Só pra gente chegar num conceito em comum aqui. Então pra sair tem um monte de gente, mas pra contar verdadeiramente, só alguns amigos. É isso que eu chamo de amigo.

**Sâmia** – Fernanda, conversando com o Rafael, ele falou que você tem muitas amizades com pessoas que passaram pela sua vida e voltaram. Como foi que isso se deu?

**Fernanda** – Hoje, as minhas relações... É como eu falei pra vocês: pra mim, as relações é o que fica, aquilo que eu acho que mais importa. Começar uma relação é fácil, mas você fazer uma relação de intimidade com uma pessoa durar anos, aí é difícil, porque relação, independente dela ser amizade, fraterna, erótica, familiar, o que for, elas vão passar por crises como tudo na vida passa. Você tem a fase da paixão, fase do encantamento, da descoberta, da novidade, aí depois fica morno, tem os conflitos, diferenças, às vezes tem a crise mesmo, o arranca-rabo, às vezes as pessoas mudam. Com quem não aconteceu de ter um amigo que mudou? “Valha, o fulano não fazia isso e agora faz”, ou “eu não fazia isso e agora faço”, “a gente fazia tanto isso e agora não faz mais”, entendeu? Então, de que forma fazer com que as relações permaneçam? E eu descobri que as relações podem permanecer por longos períodos a partir do momento que tem empatia, independente das diferenças, independente de ter ou não ter afinidades, mas é a partir do momento que tem escuta. Mas é como eu te falei: pra mim, foi importante entender um processo de maturidade em mim como pessoa, então eu realmente tenho pessoas que, por exemplo, a Geórgia é minha amiga desde os meus 19 anos. O Rafael, com quem vocês conversaram, eu conheci no jornal (Diário do Nordeste, jornal onde Fernanda trabalhou durante quatro anos como fotojornalista), acho que em 2004. Wesdley? 2004. Então eu vou pegar várias pessoas, o Nilton, o outro Rafa – porque eu tenho três amigos Rafa – desde os 17. Tem amigos novos?

Tem, como a Josi, como a Marta, Martinha – Marta Aurélia, que é cantora, atriz. A Marta, a gente se conheceu em 2007, na especialização. É uma amizade recente, mas tá aí, já dura dez anos. Eu ando seletiva nesse aspecto, eu quero amigos com quem eu possa construir uma vida e a história do tempo que a gente tá falando o tempo todo nele, eu tento dedicar a essas pessoas, eu sempre tento vê-las. O Rafael, com quem vocês conversaram, é engraçado porque a gente passou por muita coisa junto do começo até hoje. Começou logo que a gente nem se gostou quando se conheceu – eu tenho uma amiga de infância que foi dessa forma – e a gente era muito novo e os dois com a personalidade muito forte, e a gente veio crescendo junto ao longo desses anos. E relação é isso, é crescer com o outro, e eu acho que em todas as relações o segredo tá na empatia, no perdão e no respeito. As relações não vão durar se não houver essas coisas. A relação, seja ela qual for, só vai durar se você aprender a escutar, a se colocar no lugar, conseguir fazer com que o outro se coloque no seu lugar, aprender a perdoar os erros e a ser perdoado, saber pedir perdão, porque todo mundo vai errar. Eu já errei e as pessoas já erraram comigo. Se eu não aprender a perdoar e elas não me perdoarem, uma hora a relação quebra e eu acho que a maioria das relações hoje em dia quebra por causa disso.

**Larissa** – Relacionando essa questão de você ser mais seletiva com as relações, relacionando com o “ser fotógrafa” – e aí você me corrige se eu estiver errada – e a fotografia privilegia mais o observar, de ser uma espectadora do que estar ali interagindo com as pessoas, isso tem alguma relação com você preferir ser reservada?

**Fernanda** – Hoje de manhã eu vi uma palavra, mas eu não lembro o nome da palavra, tu acredita? Mas a palavra significava que a pessoa é introvertida e extrovertida também, ela era as duas coisas, e eu achei fenomenal aquilo. Por quê? Porque você me diz “você é mais reservada”, mas eu escolho ser assim, intencionalmente. Quando eu aprendi a me conhecer – tem partes de mim que eu não conheço, ainda tô descobrindo,

Terminada a entrevista, Fernanda e o grupo tiraram uma foto acompanhados de Castanhão, que estava dentro do picadeiro, sob o entardecer fortalezense.

mas as que eu conheço –, eu comecei a escolher aonde é que eu vou ser extrovertida e onde é que eu vou ser introvertida. Então tem momentos que eu acho que sim, que é assim mesmo, essa energia toda, essa força, essa alegria, esse sorriso... A sala de aula é um desses lugares, parece que pega na pele dos meninos essa energia, e tem outros lugares, como quando eu tô velejando, quando tô nadando com o meninos, é onde você tem que estar livre mesmo. E tem lugares que não, que você tem que dar um passo pra trás, até pra você se resguardar porque você não pode estar exposto o tempo todo, ninguém deve estar exposto o tempo todo. Tem hora pra tudo e tem lugar pra tudo, não tô dizendo que a minha verdade é receita de bolo, até porque cada um tem seu jeito de viver, mas pra mim tem funcionado bem.

**Lorena** – Você disse que quando era mais nova nunca imaginou que ia se tornar professora, então como que aconteceu isso?

**Fernanda** – Acidente. Deixa eu te dizer: eu não aguentava mais fazer fotojornalismo, eu tava cansada do fotojornalismo de batente mesmo, não aguentava mais trabalhar tantas horas todos os dias, trabalhar nos fins de semana e plantões, eu tava fisicamente cansada e estressada, eu cheguei no limite do meu corpo e da minha mente. Eu admiro quem faz isso há anos porque, cara, tem que ser guerreiro, mesmo, não é fácil. Como eu cansei, eu saí do jornal, queria mais qualidade de vida. Trabalhando no jornal, eu não tinha tempo pras coisas que eu tenho hoje, que pra mim são essenciais, a minha razão de viver. Aí eu fiquei três meses sem trabalhar, recebendo o “salário desemprego” até que apareceu uma matéria no jornal (alguns risos da turma). Te juro, apareceu naqueles quadradinhos de emprego. Apareceu assim pra dar aula no Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) de fotografia. Não sabia nem quanto era, mas fui lá e me inscrevi – e era mísero o valor que você ganhava, se eu te disser, tu nem acredita, mas eu fui. Tinha recebido uma rescisão gorda, tava bem de vida, então eu fui dar aula de fotografia no Senac e foi fan-tás-ti-co. A experiência com aquelas pessoas foi fantástica, eu não esperava que fosse ser tão legal. Aí mais na frente apareceu uma seleção pra dar aula na FIC (Faculdade Integrada do Ceará, posteriormente transformada em Centro Universitário Estácio do Ceará), também em matéria de jornal, eu mandei meu currículo e o rapaz disse que eu não podia me inscrever porque eu não tinha especialização, porque eu não tinha mestrado, porque eu

era só uma graduada. Mas eu disse: “Olha, eu tô fazendo minha especialização”. Porque na época eu estava fazendo, mas o rapaz do RH (Recursos Humanos) disse: “Não, você não pode”. Aí eu peguei meu currículo — porque eu sou teimosa, eu disse que sou teimosa, essa coisa da personalidade forte —, aí eu peguei meu currículo e fui lá no RH. O cara era chato, sabe, ele disse: “Você não pode se inscrever”. Mas eu disse: “Eu quero me inscrever”. “Mas você não pode”. “Então eu vou me inscrever e você me reprova”. “Não é assim, não...”. Sei que eu insisti, insisti, insisti, que ele ligou lá pra uma pessoa importante dizendo “olha, tem uma doida aqui que quer porque quer”. A outra pessoa do outro lado da linha deve ter dito “pois deixe, deixe essa coitada” (risos de todos). Aí eu fui, tinham três candidatos que realmente tinham mestrado, um inclusive na área de fotografia, e eu fui lá do meu jeito, e deu certo: eles me chamaram, eu comecei a dar aula na faculdade, terminei minha especialização, em seguida fiz o mestrado e eu fui gostando. Mas eu nunca pensei em ser professora. Nesses 11 anos, 11 ou dez anos que eu dou aula, como eu lhe disse no começo, eu tive crises, achava que “não...”. Com a fotografia, eu tive crises. Faz parte da vida porque a gente muda, as coisas ressignificam, porque a gente conflita, a gente colide, então assim, eu tive momentos. No começo era “ai, maravilhoso, massa dar aula!”. Em algum momento, no meio, eu disse: “Não, eu acho que não é mais isso”. Aí tinha um momento que era “cara, não é isso, não dá!”. Em outro momento, era “cara, é isso mesmo”.

**Lorena** – Dar aula, o que te acrescentou?

**Fernanda** – Me tornou mais pessoa, me tirou da minha arrogância. Eu era uma pessoa jovem muito arrogante. Eu tinha uma média de sete a 14 turmas por semestre, tanto manhã como noite, podendo variar dos 18 aos 50 anos de idade, e você dar aula para 30, para 20, para 40 pessoas não é fácil. São 40 cabeças diferentes, 40

---

“Eu não me considero uma pessoa popular. (...) Agora, se eu me considero uma pessoa de muitos amigos, eu me considero. Amigos verdadeiros”

---

Fernanda é uma mulher de muitos talentos e paixões. Junto da fotografia, o hipismo e a vela são atividades essenciais na sua vida.

A fotógrafa nos contou sobre alguns acidentes sofridos enquanto cavalgava ou velejava, mas nem os perigos foram suficientes para mantê-la longe de seus cavalos ou do mar.

Castanhão é considerado um dos cavalos mais difíceis e ariscos da cavalaria, mas não com Fernanda. Ela é uma das pessoas com quem o cavalo parece se dar bem.

culturas diferentes, 40 educações diferentes, 40 gostos diferentes, 40 personalidades diferentes. Minha irmã, é uma coisa assim que só Freud, sabe, e aí você vai ter que desenvolver habilidades pra conseguir criar harmonia, e como é que você cria harmonia com tantas pessoas diferentes se você não desce, né? Eu sou muito grata ao ensino, a todos os meus alunos, porque eu abandonei aquela arrogância, aquela visão de mundo e isso foi inclusive mudando as minhas escolhas de vida. A gente vai apanhando e vai aprendendo. (risos)

**Dellano** – Fernanda, você disse que tava cansada do fotojornalismo e, durante quatro anos, você trabalhou no Diário do Nordeste com pautas de perseguições policiais. Dentro do fotojornalismo, tem um dilema que é o profissional acima do humano, aquele momento em que você escolhe bater ou não bater a foto. Você era mais profissional, batia a foto porque o editor queria a melhor foto, ou você era mais humana e chegou num momento em que você não queria bater a foto?

**Fernanda** – Eu acho que você respondeu por mim. Eu comecei sendo mais profissional, eu tinha que levar a foto, e eu terminei sendo humana. Outro dia eu dei uma palestra para uns alunos da UFC lá no Museu, eu recebi uma turma de Fotojornalismo, e eles me deixaram muito livre pra escolher o tema da palestra e eu chamei a palestra de Fotografia e Experiência. Comecei os meus slides com as palavras “não sentir” e terminei eles com “sentir”. Eu falava que teve um momento no Fotojornalismo, enquanto eu fazia, que eu não sentia, que eu tinha desaparecido ali, eu só clicava. Eu chegava pra fotografar um morto e a mãe tava desesperada ao lado do corpo, implorando pra eu não fazer a foto e eu não sentia. Eu sou muito assumida nas minhas coisas, então eu não tenho vergonha de te dizer que eu cheguei nesse momento de não sentir. Eu não sentia e pronto, é isso! Qualquer um de nós pode passar por isso, vamos nos humanizar aqui. E aí chegou num momento que eu disse: “Não tá certo isso”. Se eu chego nesse ponto de não sentir, é porque tá errado, se eu sempre fui uma pessoa que sentiu demais (risos), eu sempre senti em excesso. Aí eu fui atrás de um resgate. Foi quando eu mudei, tomei essas decisões em busca desse sentir, de ser inteira, de estar inteira nas coisas. O que é estar inteira nas coisas? É sentir. É quando você tem a comunhão do pensamento, dos sentimentos, é quando você tem a comunhão do físico, quando o corpo se arrepiava num lugar, enquanto você sente o cheiro da coisa. Então aconteceu isso comigo no jornal num dia

que eu tava fotografando e não sentia cheiro, não sentia nada! (ênfase). E aí de repente eu deixei a câmera no carro e o repórter me chamou de volta, e quando eu entrei no mesmo lugar, na mesma cena sem a câmera, eu senti. Senti o cheiro de sangue, me senti enjoada, ouvi o choro da mãe, me senti mal e saí vomitando de cena, aí eu senti. “Valha, tô viva, bufo!” A câmera ali tava me protegendo de alguma forma, e aí nesse sentir foi um insight, e hoje eu faço questão de fazer as coisas por inteira. Nessa época eu tinha o quê, 24 anos? Aos 24 eu pedi demissão e aos 25 eu tinha mais tempo livre, tava dando aula no Senac, aí fui fazer ioga, fui pro hipismo, fui sentir, e isso me ajudou. Eu fiz questão de trazer o aprendizado dessas práticas por inteiro pra minha vida, pro meu trabalho, pras minhas relações interpessoais. Eu fiz questão de querer estar com as pessoas por inteira, eu queria olhar nos olhos, eu queria sentir o cheiro, eu queria estar presente, eu queria que elas pudessem contar comigo. Aí foi um aprendizado pra mim e pros outros, minhas relações cresceram no geral.

**Dellano** – Você acha que o fotojornalismo é uma profissão cruel, mas necessária?

**Fernanda** – Olha, eu não quero, essa é uma afirmação sua, eu não vou pegar tua fala e transformar ela numa fala minha porque você tá me induzindo a falar isso e eu não vou fazer isso. Eu não vou chegar aqui e dizer: “Ah, o fotojornalismo é cruel, mas é necessário”. Ah, não vou, não, eu vou recorrer ao meu direito de ficar calada. (risos)

**Fabrcio** – Fernanda, você falou muito sobre sentir. Como é que você se sente quando tá em cima do cavalo e quando tá velejando?

**Fernanda** – Plena. É a maior felicidade da minha vida, e eu falei pra vocês, né, eu faço isso sempre orando, eu me sinto plena. E as pessoas ficam: “Ah, você não tem medo de cair? Medo de morrer afogada?”. Um dia alguém me perguntou isso. Tá velejando e o negócio pode virar, claro, tudo pode acontecer, o cavalo pode cair – eu mesma já caí do cavalo, esses dentes são falsos (abre a boca e aponta para os dentes frontais) –, mas, se eu morrer num desses momentos, pode ter certeza que alguém vai dizer: “Cara, ela morreu feliz”. Porque é o que eu mais amo fazer. Às vezes eu tô no meu trabalho e tudo dá errado, dias que as dores de cabeça são enormes, tu sabe o que é que eu faço? Eu abandono tudo e vou pro mar ou eu abandono tudo e venho ver o Castanhão. Mas e aí vai pegar fogo e vai acabar tudo? Olha, eu aprendi uma coisa: ninguém é insubstituível. Eu aprendi que, se eu faltar naquele dia, ele vai continuar existindo. E, quando eu aprendi isso, a minha vida ficou

Entretanto, a relação entre Fernanda e Castanhão nem sempre foi fácil. No início, o cavalo resistiu à aproximação da fotógrafa, derrubando-a diversas vezes quando montava, mas Fernanda persistiu e domou o temperamento difícil de Castanhão.



Outra paixão importante na vida de Fernanda é pelos animais. Além de Patinir, seu cachorro de estimação, a fotógrafa adotou o cavalo Castanhão, que mora na cavalaria. Ao longo da entrevista, ela cita mais dois cachorros: Bandit e Plub.

mais leve e eu me permitia largar tudo. “Minha irmã, eu não vou resolver isso agora, a cabeça tá quente, tá tudo estourando, eu vou é velejar! Vou esquecer tudo. Quando eu vier de lá, eu tenho certeza que vou ter uma ideia maravilhosa pra resolver todos os problemas”. Os meus chefes, eles não sabem, mas eles vão saber agora, né. (muitos risos). Mas tem muitos dias que eu tiro realmente pra mim, talvez eles até desconfiem. “Rapaz, cadê a Fernanda hoje?”. Se eles tivessem um GPS, pode ter certeza que num desses momentos, meu chefe acha que eu tô pirando, eu largo tudo e vou pra um desses lugares pra encontrar uma resposta saudável para os problemas.

**Heloísa** – Como foi que começou essa sua relação com cavalos e com o mar?

**Fernanda** – Com cavalo... Eu não sou espírita, já disse que sou católica, mas às vezes eu acho que é coisa de vidas passadas. Eu já nasci gostando de cavalo. A única coisa que eu posso te dizer que tem relação — mas eu não tenho memória — é que a mãe da minha mãe, minha vó, gostava de cavalo e tinha um. Desde criança eu gosto de cavalo e aí tive essa experiência no sítio do Tio Sérgio e no meu período sabático, quando eu saí do jornal e fui em busca de fazer coisas bacanas, de viver a vida, eu disse: “Vou fazer hipismo”. E procurei aqui, a Cavalaria (da PM). Só que eu tinha muito trauma de cavalo, porque eu era apaixonada por cavalo quando era criança, louca, não podia ver um que queria estar em

cima, aí um dia eu levei uma queda séria no sítio do Tio Sérgio, com 11 anos, que eu fiquei sem me mexer e isso me afastou por anos dos cavalos, eu não conseguia chegar perto. Aí nessa época, com 25, eu resolvi ir lá no trauma. E a primeira aula aqui era assim: eu bem ali, o cavalo há três metros de distância e eu tremendo nas bases. Hoje a minha relação com o Castanhão, ela é assim: ele caminha comigo, eu chamo e ele chega perto, deita perto. E é engraçado porque você (refere-se à Heloísa) chegou lá e disse: “Ele tem fama de ser arisco”. Não foi isso que você disse? O Castanhão tem fama de ser arisco mesmo, dá mordida, coice...e com ele foi paixão à primeira vista, foi “pá!”, bati o olho e disse “Cara, que cavalo é esse!”. Ele me deu cinco quedas, uma atrás da outra, no dia que eu conheci ele. Ele me deu uma queda e o professor disse “suba de novo”, subi e ele deu outra queda, o professor perguntou “vai subir de novo?” e eu disse “vou!” e ele deu outra. Aí ele disse “tu vai subir de novo?”, “eu vou, eu vou ficar até ele me aceitar!”. Ele dizia “use a espora, use e o chicote...” e eu dizia “não, ele vai me aceitar”. Aí ele me deu cinco quedas, até que uma hora ele parou, eu não sei quem é mais teimoso, eu ou ele, e aí eu comecei a ler e a estudar sobre adestramento de cavalos, comecei a comprar livros. Te disse que eu gosto muito de estudar né, hoje. Estudo tudo que eu gosto, então eu comecei a estudar e aplicar aqui, com ele, o que eu aprendia, e a relação ficou

A fotógrafa aventurou-se por diversas atividades artísticas, como escrita, música, escultura e desenho — não tendo muito sucesso na última, como conta na entrevista.

Fernanda diz não gostar de idolatria. Não é fã de artistas, parte do princípio de que todos os seres humanos estão no mesmo patamar e compartilham uma relação de igualdade.

---

“(Dar aula) me tornou mais pessoa, me tirou da minha arrogância. (...) Eu sou muito grata ao ensino, a todos os meus alunos, porque eu abandonei aquela arrogância”

---



de um jeito que esse cavalo conhecido por ser extremamente arisco é extremamente dócil comigo e ele ficou conhecido como o “cavalo da Fernanda”. Porque as pessoas ficam pasmadas, ele corre comigo, deixa eu pegar, passo por debaixo, faço com ele o que eu quero.

**Heloísa** – Conta pra gente desse acidente de quando você tinha 11 anos, como foi que aconteceu?

**Fernanda** – Eu tinha andado já a cavalo e tava só em cima dele, meu pai tava parado conversando com o Tio Sérgio e eu em cima dele. Acho que foi algum bicho que picou o cavalo porque a gente tava aqui, todo mundo parado, conversando, e eu em cima dele, de repente esse cavalo disparou. Ele disparou estrada adentro, eu puxava e nada dele parar, correndo canavial adentro, as plantas batendo no meu rosto, até que num buraco ele parou, me jogou e eu caí, aí eu fiquei sem conseguir me mexer até ser socorrida. Passou em pouco tempo, em alguns minutos eu recuperei os movimentos e ficou o trauma, porque na hora você pensa que não vai ter mais movimento, e isso é desesperador, né. Mas foi curioso porque eu voltei a montar com 25, aí com 27, 28 – eu não sei ao certo, minha memória é muito ruim pra data –, eu sofri um acidente grave no hipismo, porque eu sempre monto aqui e monto nas hípicas particulares. No Christus, eu tava montando e era um dia de chuva, a égua refugou no salto,

e ela me jogou por cima do picadeiro, ela me jogou por uma cerca desse tamanho aí (aponta pro cercado do picadeiro) e caí com a cara no calçamento. Aí esses dentes (abre a boca e aponta para as próteses dentárias), esse e esse, esse e esses dois são falsos. Eu quebrei os dentes, eu apaguei por alguns instantes e, na hora que eu acordei, veio todo o trauma. Nesse dia eu fiz vários exames, só precisei fazer os dentes mesmo. Na cabeça tava tudo ok. Engraçado que na época eu levei isso pra terapia, mas eu sou tão apaixonada por cavalo que, apesar disso, eu voltei, aí eu passei um ano depois desse acidente sem saltar. Mas eu vinha toda semana ver o Castanhão, pra ficar com ele, pra dar banho nele, pra casquear, pra ficar em cima dele, andando ao passo. Eu respeitei meu tempo de cura, não precisei me afastar como quando criança, fiquei perto, mas respeitando os meus limites. Aí, quando eu fui me sentindo mais segura, voltei a saltar e tudo.

**Suzana** – E, quando você veleja, quais as situações de perigo pelas quais você passou? Você falou que chegou a ficar à deriva no mar.

**Fernanda** – (risos curtos). Fiquei um dia, a manhã toda à deriva no mar. É porque eu velejo de laser, de windsurf e de hobie cat. Nesse dia foi de laser, que é um barco pequeno com uma vela de sete metros, e o vento tava muito forte. Eu tinha ido velejar de manhã muito cedo porque era um sá-

A exceção à afirmação acima é em relação à cantora Gal Costa. Para Fernanda, a voz de Gal a acalma, tornando-na a única pessoa de quem a fotógrafa se considera

bado e na hora do almoço eu entrava no Museu. Então eu tava velejando cedo e o vento tava muito forte, tão forte que arreventou a parte do mastro no barco, então não tinha onde ter vela, o mastro arriou e caiu no mar. Fiquei lá à deriva, esperando (risada curta). Eu e o Cristiano. A gente sempre veleja junto, e aí passavam uns barcos muito longe e não viam a gente. Ficamos lá a manhã toda até que veio um barco de passeio da Beira Mar. A gente aqui e o barco aqui (imita a posição dos barcos com as mãos). E a gente “ah, massa, uhul!”, jurando que o cara tava vendo a gente. Mas o cara passou por cima da gente, e a gente teve que pular pra fora do barco, se não ele ia matar a gente (ênfase)! Ele passou por cima do barco, foi-se embora e não viu. Aí a gente ficou lá nadando e esperando, até que passaram uns pescadores numa jangada e a gente passou com os pescadores. (risos da turma). Mas isso tudo pra mim é sempre uma grande diversão, um grande aprendizado! O esporte tem uma grande capacidade educativa muito profunda, o tempo todo fico fazendo relação entre as metáforas do esporte com a vida pessoal, então às vezes eu tô procurando uma saída, uma resposta afetiva ou emocional e eu encontro num negócio desses que me acontece no esporte. Às vezes, na vida, o barco quebra, às vezes as pessoas passam e fingem que não veem, passam por cima, e é isso mesmo, às vezes aparecem anjos... E aí a gente vai aprendendo a ter fé.

**Larissa** – Fernanda, esses teus dois hobbies envolvem coisas que eventualmente podem estar fora do teu controle, né, cavalo e mar. Como é que tu lida na tua vida com o imprevisível?

**Fernanda** – Eu lido bem. Acho até porque eu lido com isso o tempo todo, como você disse, aí eu vou aprendendo. Eu aprendi, e foi duro pra mim esse aprendizado, que a gente não tem controle de nada na vida, nem de nós mesmos. A gente pensa que tem controle de nós, a gente tem essa ilusão, mas eu aprendi que a gente não tem

---

“Teve um momento no Fotojornalismo, enquanto eu fazia, que eu não sentia, que eu tinha desaparecido ali, eu só clicava”

---



Ao responder algumas perguntas, Fernanda encontra certa dificuldade em citar datas ou períodos específicos, justificando com o fato de ter uma péssima memória. Entretanto, esse detalhe não prejudicou o andamento da entrevista.

Mesmo tendo alcançado o ápice várias vezes em pouco tempo, Fernanda possui a ambição de chegar a esse ápice mais vezes e realizar mais sonhos no futuro próximo. Alguns, inclusive, já encaminham-se para a realização.

Apesar das diferenças de personalidade entre Fernanda e Eugênio durante a adolescência, a relação dos irmãos é bastante cordial e saudável. Foi do irmão mais velho que ela ganhou a sua primeira câmera profissional.

controle de nada. O imprevisível, na verdade, é fantástico. Se você for cuidadoso, se você for minucioso no antes, na hora que o imprevisível aparecer, você já reduziu a possibilidade de muitos danos. Se a gente é cuidadoso com as pessoas, se a gente é honesto com as pessoas, se a gente é ético no trabalho, se a gente faz isso o tempo todo, na hora que aparece uma bomba, as coisas se seguram. É a mesma coisa com os esportes: se você amarra a corda do jeito certo, se você verifica se a cela tá mesmo apertada, tem que verificar tudo nesses esportes, tem que ser chato, porque evita um problema. Então, eu acho que isso serve pra quando aparecem esses momentos difíceis, e a gente nunca engana alguém por muito tempo e a verdade sempre aparece. É um pouco disso do acidente, do imprevisível, do esporte. Se você sempre fizer tudo certo, por mais que tenha percalços no caminho, uma hora essa verdade aparece e as coisas vão seguir.

**Ítalo** – Fernanda, tu fala muito de amores: o mar, cavalo, arte, as pessoas, teus amigos e família, mas tem algo que me chamou atenção. A aliança na tua mão (aponta para o anel dourado no dedo anelar direito).

**Fernanda** – Ah, certo, mas é que na verdade não é uma aliança, é um anel. (risos). Eu uso dois anéis, mas o outro eu uso mais pra sair mesmo... Isso é besteira, mas é porque o outro é ouro e esse não é. (risadas de todos)

**Sâmia** – Fernanda, você fala que sempre sentiu muito e que faz poesia. Como você explora esse lado? Você pode falar um pouco das poesias?

**Fernanda** – Das poesias? Posso. Na época que tava fazendo primeiro e segundo ano científico, eu ficava entediada na sala, e aí eu ia gazear aula na biblioteca lendo poesia. Teve uma época que eu fazia muita poesia, eu ainda não fotografava, que foi entre os 14 e 17 anos. Inclusive eu participei de um concurso de poesia no Dragão do Mar e ganhei. Aí eu conheci a fotografia e passei a escrever menos, mas nessa época eu fazia bastante poesia.

**Sâmia** – E o que é que você explorava nas suas poesias?

**Fernanda** – Olha, que eu me lembre, nas minhas poesias, era muito sobre assuntos pessoais. Essa com que eu ganhei o concurso de poesia falava da relação com o meu pai. Teve outra muito bacana que foi sobre meu cão, essas coisas. São essas coisas que fazem sentido pra mim. (riso curto)

**Sâmia** – Você lembra do trecho de alguma?

**Fernanda** – Trechos? Lembro não. (riso curto). Só se eu pegar e ler, mas de cabeça não.

**Lorena** – Fernanda, você com nove anos já tinha interesse por fotografia e hoje você é fotógrafa. Quando era criança, gostava muito de cavalo e até hoje você monta. Você se considera uma pessoa realizada?

**Fernanda** – Considero. Eu sempre converso isso com as pessoas e tenho consciência de que já realizei grandes sonhos e isso me dá uma sensação de felicidade. Essas coisas que você disse eram pra mim grandes sonhos. Pode parecer simples, mas eram grandes sonhos. Pra mim, ter um cachorro era um sonho porque eu quis ter cachorro a vida toda e minha mãe não deixava. Eu chorava porque queria um cachorro e ela dizia “não”, porque tinha nojo de cachorro. Um dia ela me deu meu primeiro cachorro, eu já grande, tinha 15 anos, e hoje, pra mim, essas coisas são grandes sonhos. Pra mim, ter encontrado uma relação com cavalo como o Castanhão é um sonho de infância, ser fotógrafa é um sonho de infância, essas relações que nós falamos aqui e que cresceram e passaram por crises é um sonho. Ter pessoas com quem contar é um sonho.

**Andressa** – Tu considera que chegou ao ápice da tua realização?

**Fernanda** – No ápice? Eu já cheguei algumas vezes nos ápices, mas eu sempre tenho coisas novas, desejos novos. Por exemplo, eu realizei essas coisas que eu fui citando aqui e que foram ápices, mas eu tenho alguns sonhos que eu quero realizar, um deles é fotografar a África – as gentes, não a natureza. Esse eu ainda não realizei. Dá tempo.

**Beatriz** – Mas já tem um planejamento?

**Fernanda** – Já, já tá tudo armado e eu vou me encontrar sexta-feira pra começar a execução deste grande sonho. Eu acho que sonho é pra ser sonhado e colocado em prática, porque a vida não é fácil. Se uma pessoa aqui levantar a mão e disser que a vida é fácil, eu vou dizer que tá mentindo. A vida não é fácil, todo mundo tem na sua história as duas dores, suas perdas, e seus ganhos, só que a vida é encantadora, ela é um misto dessas duas coisas. Então, com esses erros e aprendizados, essa história da técnica para evitar acidentes, dá pra ir cada vez mais realizando esses sonhos e se sentindo realizada hoje.

**Heloisa** – Você falou do seu amor por cachorros, o Rafael me citou três: o Plub, o Bandit e o Patinir. Como é sua relação com eles? O seu cachorro atual é o Patinir.

**Fernanda** – É o Patinir, lindo! (risos)

**Heloisa** – E ele falou que são sempre raças, assim, meio diferentes. Conta pra gente como é sua relação com cachorros.

Entrevistado pela equipe de produção, Eugênio contou que ele e a irmã costumam se encontrar sempre que os compromissos de trabalho dos dois permitem. Como os dois pais, ele também é engenheiro.

**Fernanda** – Olha, eu sempre gostei do que é diferente: roupa, bicho, gente, carro... Tudo que é diferente eu acho legal, é uma atração pelo diferente. E na época, o Plub era um cocker (cocker spaniel, raça de cachorro originária da Espanha), branco, com uma pelagem bem diferente. O Bandit era um pug. Hoje em dia é cheio de pug na cidade, mas na época não tinha quase nada de pug aqui. E o Patinir é um pastor australiano, que na época só tinha dois aqui: o da Gisele e o do dono da Distrivideo (rede de locadoras de filmes, presente em Fortaleza há 31 anos). Mas realmente eles eram bem diferentes, e os meus cães sempre tiveram uma personalidade muito dócil. O Castanhão tem uma personalidade muito arisca, mas ele é dócil comigo. Eu gosto muito de animais, sério, eu comungo com a natureza, quando eu boto meu pé na areia, quando eu sinto meu corpo no mar, quando eu toco no pelo do cavalo, quando eu abraço meu cachorro. Sei que tem pessoas que sentem isso, mas tem pessoas que não sentem, né, e isso é tranquilo, mas eu sinto muito bem na natureza, me faz um bem danado, me ajuda a ser uma pessoa melhor.

**Andressa** – Ok, a última pergunta agora... A gente já conversou sobre as tuas expectativas com o futuro e o sonho de fotografar a África, mas tem alguma coisa a mais que tu espera ou pretende realizar a longo prazo?

**Fernanda** – Cara, assim, eu tô achando tão massa tudo – claro que eu tenho sonhos e expectativas, mas de vida? Eu sou grata a Deus. Dos meus 17 anos pra cá, eu não

tenho do que reclamar, essas realizações, especialmente do 25 pra cá, esse processo de aprendizado. Eu me sinto muito realizada com as coisas que eu faço, por isso que elas são tão caras pra mim, por isso que eu dou valor aos amigos. Por que eu sou tão grata com a fotografia? Porque eu não tinha Fotografia no colégio, cara! Eu tive Física, tive Química, mas não tive Fotografia. Eu dou valor enorme aos meus amigos porque já perdi amigos e não quero mais perder. Dou tanto valor a bicho, cachorro, isso aqui que tô te falando, porque passei 15 anos querendo cachorro e, quando tive, foi “poxa, é isso, que massa!”. Eu valorizo amigo, valorizo família hoje porque, claro, a gente teve percalços, mas hoje a gente tá se fortalecendo. É isso, eu espero ter respondido as perguntas de todos vocês.

---

“(O cavalo Castanhão) me deu cinco quedas, até que uma hora ele parou. Eu não sei quem é mais teimoso, (se) eu ou ele”

---

A relação de Fernanda com a docência surgiu por acaso: Fernanda começou a dar aulas por curiosidade e acabou se apaixonando pela profissão. Ela é professora da sede de Fortaleza da Faculdade Estácio de Sá.



Entrevistada pela equipe de produção, a mãe de Fernanda contou que até mesmo ela se surpreendeu ao ver a filha como professora, por esta não ter sido a criança mais estudiosa do mundo.